

Camargo, José Marcio

Working Paper

Brasil: ajuste estrutural e distribuição de renda

Texto para discussão, No. 136

Provided in Cooperation with:

Departamento de Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Suggested Citation: Camargo, José Marcio (1986) : Brasil: ajuste estrutural e distribuição de renda, Texto para discussão, No. 136, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Economia, Rio de Janeiro

This Version is available at:

<https://hdl.handle.net/10419/186383>

Standard-Nutzungsbedingungen:

Die Dokumente auf EconStor dürfen zu eigenen wissenschaftlichen Zwecken und zum Privatgebrauch gespeichert und kopiert werden.

Sie dürfen die Dokumente nicht für öffentliche oder kommerzielle Zwecke vervielfältigen, öffentlich ausstellen, öffentlich zugänglich machen, vertreiben oder anderweitig nutzen.

Sofern die Verfasser die Dokumente unter Open-Content-Lizenzen (insbesondere CC-Lizenzen) zur Verfügung gestellt haben sollten, gelten abweichend von diesen Nutzungsbedingungen die in der dort genannten Lizenz gewährten Nutzungsrechte.

Terms of use:

Documents in EconStor may be saved and copied for your personal and scholarly purposes.

You are not to copy documents for public or commercial purposes, to exhibit the documents publicly, to make them publicly available on the internet, or to distribute or otherwise use the documents in public.

If the documents have been made available under an Open Content Licence (especially Creative Commons Licences), you may exercise further usage rights as specified in the indicated licence.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
PUC/RJ
Setembro 1986

TEXTO PARA DISCUSSÃO
Nº 136

BRASIL:
AJUSTE ESTRUTURAL E DISTRIBUIÇÃO DA RENDA

José Marcio Camargo*
Setembro 1986

* O autor agradece o apoio financeiro recebido do PREALC/OIT para a realização deste trabalho.

BRASIL:
AJUSTE ESTRUTURAL E
DISTRIBUIÇÃO DA RENDA

José Marcio Camargo
Agosto 1986

Brasil:

Ajuste Estrutural e Distribuição da Renda

José Marcio Camargo*

I - Introdução

O desempenho da economia brasileira nos últimos 20 anos, se avaliado em termos da taxa de crescimento do produto industrial, deve ser considerado um enorme sucesso. Exceto por um pequeno interregno entre 1981 e 1983, as taxas de crescimento da indústria sempre excederam os 7% anuais, sendo que durante os anos 1968/ 1973 chegaram a níveis próximos aos 15% ao ano.

Porém, se avaliado pela capacidade deste crescimento de aumentar a participação dos salários no valor da produção, reduzir o grau de concentração da renda e diminuir de forma significativa os níveis de pobreza, o resultado foi um grande fracasso. Durante este período de rápido crescimento, não só os salários reais pouco aumentaram, pelo menos se comparado ao aumento da produtividade, como ocorreu um aprofundamento da pobreza e da concentração da renda no país.

A combinação destes dois fatores, acabou por gerar uma dicotomia na qual uns poucos muito ricos convivem com uma maioria

* Professor Associado-Departamento de Economia-PUC/RJ
Várias foram as contribuições recebidas nas diferentes versões deste trabalho. Elena Landau, Milton da Mata e Eustáquio Reis muito contribuíram para sua versão inicial. Ricardo Infante contribuiu de forma decisiva, com discussões e comentários, para a versão final do artigo. Álvaro Garcia, Norberto Garcia e Victor Tokman levantaram pontos fundamentais, alguns dos quais puderam ser incorporados. Finalmente, um seminário realizado no PREALC em Santiago originou vários comentários e contribuições relevantes. O autor agradece a todos e se sente no dever de reconhecer que os erros e omissões remanescentes, assim como as idéias nele contidas, são de sua inteira responsabilidade.

2.

excessivamente pobre. Por um lado, os elevados níveis de crescimento dos últimos 20 anos permitiu ao país atingir um grau de desenvolvimento industrial similar ao de muitos países da Europa Ocidental (como a Grécia, a Espanha e a Itália). Por outro, a queda dos salários reais dos grupos pior remunerados, combinada ao aumento do desemprego e do subemprego, geraram uma situação na qual a percepção da iniquidade distributiva torna o equilíbrio político-institucional instável e potencialmente desestabilizante.

Nestas condições, parece extremamente arriscado do ponto de vista político, e até mesmo de possibilidade duvidosa, (além das óbvias considerações de equidade e justiça social), o prosseguimento desta estratégia de crescimento com concentração da renda. A necessidade de um equilíbrio político-institucional mais estável exige mudanças nas instituições que regulam o processo de determinação dos salários, assim como no direcionamento dos recursos do setor público, no sentido de viabilizar uma trajetória de crescimento que permita uma melhor distribuição de seus frutos entre os diversos participantes do processo produtivo.

Neste artigo fazemos uma análise do desempenho da economia brasileira entre 1974/1986, que compreende o período de intensificação do processo de substituição de importações em direção aos setores produtores de insumos básicos para a indústria e de bens de capital. Analisamos de que forma esta estratégia, combinada a uma política de incentivo às exportações,

3.
viabilizou o ajuste estrutural da economia brasileira após a crise financeira internacional, permitindo que esta crescesse a taxas elevadas a partir de 1984, mantendo uma situação de equilíbrio do balanço de pagamentos.

Em segundo lugar, fazemos uma análise do desequilíbrio interno gerado durante estes anos, no que se refere à evolução dos salários reais, níveis de desemprego e subemprego, pobreza e concentração da renda. Mostramos que, ao mesmo tempo que os indicadores de produção industrial cresciam a taxas elevadas estes indicadores de qualidade de vida da massa da população permaneciam extremamente insatisfatórios.

Caracterizada a dicotomia crescimento-pobreza, argumentamos que tal fenômeno está intimamente associado ao processo de formação dos salários no segmento formal (ou organizado) do mercado de trabalho na economia brasileira. Mostramos que, dada a estrutura institucional vigente, a política de salário mínimo e a lei salarial foram elementos importantes na determinação dos salários dos operários (os trabalhadores ligados à produção) enquanto o crescimento da produtividade era em grande parte apropriado pelas empresas e pelo pessoal administrativo, principalmente aqueles direta ou indiretamente ligados à direção e gerência das empresas. Em seguida, mostramos de que forma as rendas do segmento informal (ou não organizado) são afetadas pelos salários dos operários. Assim, períodos de queda do salário mínimo real e crescimento da produtividade, são também períodos de queda das rendas per-capita no segmento informal e crescimento relativo dos salários no outro segmento.

do de trabalho formal. O resultado é um aumento do grau de concentração da renda no setor urbano da economia (e de economia como um todo, devido à importância deste setor no país).

Dadas estas condições, propomos uma estratégia alternativa na qual os ganhos de produtividade decorrentes do crescimento futuro sejam em sua maior parte, apropriados pelos grupos que percebem rendas mais baixas (operários e participantes do setor informal). Para tal, a implementação de uma política de salários que favoreça o aumento dos salários reais dos trabalhadores ligados à produção ao mesmo tempo em que incentive os investimentos é fundamental.

A sugestão de política apresentada na seção final deste trabalho contempla inicialmente uma mudança radical no arcabouço institucional que orienta o processo de formação dos salários no segmento formal da economia, permitindo assim que as relações entre capital e trabalho se deem de forma mais pacífica e igualitária, sem interferência direta do governo. Em outras palavras, tornando-o mais adaptado às necessidades de uma economia capitalista industrializada moderna e democrática.

Em segundo lugar, propomos uma política salarial composta de duas partes. Primeiro, uma política de salário mínimo ativa e de longo prazo, com o objetivo de aumentar o valor real deste parâmetro em um período de tempo pré-determinado. Segundo, que os outros salários na economia sejam determinados por negociações coletivas livres e diretas entre trabalhadores e empresários. Neste contexto, sugere-se que uma parte dos ganhos reais de salários sejam capitalizados, à nível da empresa, sob a forma de compra de ações por parte dos trabalhado-

res. Estas teriam preço fixo e seriam resgatáveis, a este preço, quando o trabalhador saísse da empresa. Parte dos recursos daí decorrentes poderia ser utilizado como "seguro desemprego" durante o prazo no qual o trabalhador estivesse desempregado e/ou como previdência privada em caso de aposentadoria. Com isto, pretende-se incentivar o nível de investimentos e a criação de empregos, transferir recursos automaticamente para os setores mais dinâmicos e reduzir a rotatividade da mão de obra. Ao mesmo tempo, melhorar a distribuição da riqueza na economia brasileira.

II - Substituição de importações e ajuste estrutural*

A partir de 1974, iniciou-se na indústria brasileira um período de mudanças profundas em sua estrutura produtiva, que somente veio a dar seus principais resultados em meados dos anos oitenta.

Entre 1945 e 1974, o Brasil havia atravessado dois surtos de industrialização liderados, em ambos os casos, pelo setor produtor de bens de consumo duráveis. Durante a década de cinquenta, esta indústria foi efetivamente implantada no país e, no período 1968/1973, aproveitando-se de uma situação econômico-financeira internacional altamente favorável (preços de produtos primários em alta, crescimento das exportações de produtos industrializados e aumento do fluxo de capital privado a taxas de juros reduzidas), aprofundou-se o crescimento e diversificou-se a produção destes bens com vistas ao atendimento da crescente demanda interna. Nos dois momentos, os setores produtores de bens de capital e insumos básicos para a indústria foram se não totalmente relegados, pelo menos deixados em segundo plano.

Como resultado deste processo, a economia brasileira atingiu meados da década de setenta, com uma indústria de bens de

* Esta seção se baseia no trabalho de A. Barros de Castro - "Ajustamento x Transformação: A Economia Brasileira de 1974 a 1984" em A. Barros de Castro e F. E. Pires de Souza, A Economia Brasileira em Marcha Forçada - Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1985. Ver também, J. M. Camargo - "NRB Products Boom and Industrial Growth in Brazil" - Texto para Discussão nº 101 - Departamento de Economia PUC/RJ - Março 1985.

consumo (duráveis e não duráveis) bastante sofisticada, mas em grande parte dependente da importação de insumos, máquinas e equipamentos para poder funcionar. Consequentemente, enrijeceu-se a pauta de importações, no sentido de que reduções da capacidade para importar afetavam diretamente os níveis de produção internos devido à impossibilidade de manter o fluxo adequado de insumos para a indústria.

Durante todo o período de rápido crescimento, que ficou conhecido como o "milagre econômico brasileiro" (1968/1973), o país manteve uma situação bastante confortável em suas contas externas. O deficit comercial nestes seis anos correspondeu a menos de 15% do valor total das exportações (US\$ 2.704 milhões e US\$20.025 milhões respectivamente). As entradas de capital mais que compensaram este deficit, gerando um superavit no balanço de pagamentos da ordem de US\$5.508 milhões no período. A dívida externa, apesar de crescente, se manteve em níveis razoáveis, chegando a US\$12.572 milhões em 1973, para um total de reservas cambiais de US\$6.415 milhões. Desta forma, a necessidade de divisas para pagar os juros da dívida externa não ultrapassava US\$514 milhões ou 8% do valor das exportações, em 1973.*

Uma parte significativa do sucesso obtido neste período se deve à estratégia de incentivo às exportações de manufaturados. Através de uma política de taxa de câmbio realista,

* Veja J.M. Camargo, op.cit. - pags. 19-22 e Anexo estatístico. Tabelas I-III.

com a adoção de uma regra de Crawling-Peg, mantinha-se a taxa de câmbio real relativamente estável e reduzia-se o risco de câmbio para os exportadores. Por outro lado, instituiu-se uma política de incentivos fiscais e creditícios às exportações de manufaturados, composta de isenções de impostos indiretos sobre a parte da produção destinada às exportações, contabilização do montante destes impostos não pagos como créditos junto ao sistema financeiro Estatal e concessão de crédito para capital de giro a taxas de juros subsidiadas para estas atividades. Finalmente, criaram-se programas especiais de incentivos aos investimentos voltados para a exportação. Pelo mais importante deles, o BEFIEX, as firmas, cujos produtos fossem em parte ou no todo destinados à exportação, submetiam seus planos de investimentos às agências governamentais e, se aprovados, estavam isentas de pagamentos de taxas e tarifas alfandegárias nas importações necessárias para a execução destes projetos, mesmo quando houvesse produção de similares dentro do país.

Esta forte política de incentivos, combinada às condições favoráveis do mercado internacional, resultaram em um grande crescimento das exportações, principalmente de manufaturados. Estes produtos, que respondiam por 21% do valor das exportações brasileiras em 1967, passaram a representar 41% em 1974, 57% em 1980 e 69% do total em 1984.*

* Apêndice Estatístico - Tabela IV

O aumento dos preços das matérias primas nos mercados internacionais, principalmente do petróleo, causaram uma revira volta completa neste quadro. O valor total das importações passou de US\$6.999 milhões em 1973, para US\$14.168 milhões em 1974. Deste total, cerca de US\$6.404 milhões correspondiam a importações de matérias primas não petróleo e US\$3.174 milhões a compras de pe tróleo, um crescimento de 117% e 288% respectivamente em relação a 1973. Em conjunto, estes dois itens superaram o valor das expor tações brasileiras de 1974 em US\$1.263 milhões. O deficit do ba lanço comercial neste ano atingiu a casa dos US\$6.217 milhões.*

Diante de um choque adverso de tal magnitude, a teoria econômica tradicional recomendaria uma drástica redução do nível de absorção interna e desvalorização real da moeda, com consequen te redução das importações, aumento das exportações e diminuição do desequilíbrio externo no curto prazo. Seguir tal caminho, entre tanto significaria, na prática, gerar uma forte recessão industri al, aumentar o desemprego e, devido ao elevado grau de indexação então vigente, provocar uma queda dos já reduzidos salários reais. O objetivo final seria um aumento na relação câmbio/salário o que tornaria mais competitivas as exportações brasileiras. Por outro lado, como bem apontou Castro**, tal estratégia significaria uma interrupção brusca do investimento e crescimento industrial, com o possível sucateamento do incipiente parque industrial produtor de bens de capital e insumos industriais, que vinha sendo impul sionado pelo crescimento acelerado do período anterior.

* Ibid. e Anexo Estatístico- Tabelas I-III e V.

** Ver A.B. de Castro, op.cit., pág. 36-37

Diante de tal alternativa, os gestores da política econômica naquele momento, decidiram seguir por um caminho totalmente diferente. Em lugar de reduzir os níveis de absorção interna, o governo resolveu aprofundar o processo de substituição de importações em direção aos setores produtores de bens de capital e de insumos industriais básicos (cimento e metais não ferrosos em geral, siderurgia, fontes alternativas de energia, principalmente hidroelétrica e álcool, comunicações, petroquímica, papel e celulose, etc) que estavam em estágio bastante inferior de desenvolvimento, se comparados aos setores produtores de bens de consumo. Concomitantemente, mantinha-se o esforço exportador iniciado em 1967. A adoção desta estratégia exigia, por um lado, uma intensa atuação do Estado como investidor, no sentido de promover investimentos nestes setores onde o período de maturação é bastante longo, uma política de incentivos creditícios que direcionasse os investimentos privados para estas áreas, além da necessidade de se encontrar fontes de financiamento adequadas para executá-los. Por outro lado, mantinha-se a absorção interna em níveis relativamente elevados de forma a evitar a reversão brusca do crescimento e o desincentivo ao investimento privado.

O problema fundamental com este ambicioso projeto era que, para executá-lo, seriam necessários grandes volumes de importações durante sua fase de implantação, em um momento em que o balanço de pagamentos já se encontrava extremamente desequilibrado. Dada a grande disponibilidade de recursos no mercado financeiro internacional privado, oriundos dos enormes superávits em corrente dos países produtores de petróleo, a solução deste impasse

foi buscar financiamento junto a este mercado, através do endividamento das empresas estatais brasileiras, orientando as empresas privadas a seguirem na mesma direção.*

A inspiração teórica implícita nesta decisão, deve ser buscada não na teoria econômica tradicional, mas sim nos modelos de corte CEPALinos que propunham a substituição de importações como a única alternativa possível para a industrialização latino-americana.**

Os resultados desta estratégia devem ser avaliados em três momentos distintos. O curto prazo (1974/1980) que corresponde ao período de realização dos investimentos, sem correspondente geração de produção final de bens de serviços deles resultantes, devido ao longo prazo de maturação dos mesmos. O médio prazo (1981/1983), no qual os investimentos começam a maturar, mas o processo é extremamente dificultado pela crise financeira internacional, o aumento das taxas de juros externas e a retração do fluxo de capitais necessários para financiar os deficits em conta corrente resultantes do elevado endividamento incorrido no período anterior. Finalmente, o longo prazo (após 1984), quando o período de maturação se completa, a substituição de importações reduz o coeficiente

* Para uma análise detalhada deste processo ver J.M.Camargo, op.cit.

** Ver, principalmente a obra de R.Prebish, "El Desarrollo Económico de la América Latina y algunos de sus principales problemas" em Boletín Económico para América Latina, CEPAL, fevereiro de 1961.

de importação da economia e a produção destes setores cresce passando, alguns deles, de importadores líquidos a exportadores líquidos de bens. Tomemos cada período separadamente.

No curto prazo, os setores produtores de bens de capital e insumos básicos para a indústria passaram a ser, pela primeira vez na história econômica do país, os líderes do processo de crescimento industrial. Enquanto o setor produtor de bens de consumo crescia, em média, cerca de 5% ao ano no período 1974/1980, os bens de capital e intermediários cresciam a taxas próximas a 8% ao ano. Esta drástica mudança estrutural no processo de crescimento, foi obtida através de um grande aumento da participação do Estado na taxa de investimento da economia, que se manteve acima de 20% do PIB. A formação bruta de capital fixo do governo, que correspondia a cerca de 30% do total no início da década, cresceu a partir de 1974, atingindo 65.5% da formação bruta de capital fixo da economia em 1979. Deste total 84% eram investimentos das empresas Estatais dos quais mais de 90% se destinaram aos setores de energia, comunicações, transportes e outros setores da indústria de transformação (principalmente siderurgia).*

Do ponto de vista do balanço de pagamentos, o efeito foi a manutenção dos elevados deficits em conta comercial (apesar das restrições às importações então vigentes), um persistente aumento do deficit em conta corrente, que atingiu US\$12.807 milhões

*Ver Anexo Estatístico - Tabelas VI e VII

em 1980, e acelerado crescimento da dívida externa, que teve seu valor quadruplicado entre 1973 e 1980 (US\$12.572 milhões e US\$53.847 milhões, respectivamente). Neste último ano, cerca de 31,3% do valor das exportações brasileiras foram utilizadas para pagar os juros da dívida.* É neste contexto de extrema fragilidade financeira que sobrevem o segundo choque do petróleo e a crise financeira internacional.

Subestimando a extensão das mudanças na conjuntura econômica internacional, concomitantemente ao segundo choque do petróleo e aumento das taxas de juros internacional, tentou-se reeditar internamente o período do milagre econômico. Aumentou-se o nível de liquidez real, adotou-se uma política de crescimento acelerado do produto industrial e conseqüente aumento generalizado das importações de bens. O deficit do balanço de pagamentos cresceu assustadoramente, consumindo grande parte das divisas acumuladas até 1978. Dada a adversa conjuntura internacional, seria necessário que a política econômica fosse orientada no sentido de gerar um crescimento seletivo, com manutenção dos projetos de investimento iniciados no período anterior, ao mesmo tempo em que se executava uma política comercial de rígido controle e severas restrições às importações. O objetivo seria evitar a queda do produto industrial, sem perdas excessivas de divisas, conseguindo assim, suplantar o período de maturação dos investimentos substitutivos de importações em andamento, o que viria a ocorrer entre 1983 e 1984. Em 1981, diante dos elevados deficits em conta corrente, e

* Ver Anexo Estatístico - Tabelas I - III

da dificuldade de se obter recursos no mercado internacional de crédito inverteu-se a política e iniciou-se um período de drástica redução do nível geral de atividade, política monetária restritiva e taxas de juros reais elevadas. Em 1982, o país recorreu ao FMI, aprofundando o caráter ortodoxo da política de ajuste.

Porém, era impossível naquele momento, reverter completamente a política implementada a partir de 1974. Uma grande parte dos investimentos iniciados por aquele processo estavam em fase final de maturação, não podendo portanto ser desativados. Com isto, impediu-se uma drástica redução da taxa de formação bruta de capital fixo por parte do Estado. Ainda assim, o produto industrial caiu 10% entre 1981 e 1983, enquanto a taxa de investimento caiu de 21.2% do PIB para 16,9% do PIB no mesmo período.

Dado o tamanho do desequilíbrio externo, (o deficit em conta corrente em 1982 foi US\$16.279 milhões, para um valor de exportações de US\$20.175 milhões), poucos acreditavam que tal política seria capaz de fazer a economia retornar ao equilíbrio. Entretanto, já a partir de 1981, o balanço comercial passou a apresentar superavit, que se tornou crescente a partir de 1982. Mas é a partir de 1984 que o balanço de pagamentos começou a dar sinais claros de que a recuperação era estrutural. Neste ano, o produto industrial cresceu 6,9%, enquanto o balanço comercial apresentou um superavit de US\$13.068 milhões. Em 1985, para um superavit de magnitude similar, o produto industrial cresceu 9,0%.

Não parece razoável supor que as medidas de caráter conjuntural adotadas a partir de 1981 tenham resultado nas mudanças estruturais necessárias para se obter este desempenho. A redução do nível de atividade e a desvalorização real da moeda, (além do forte crescimento das importações americanas), geraram uma diminuição das importações e aumento das exportações que explicam parte importante do superavit comercial de 1983/1984. Porém, como explicar os elevados níveis de crescimento obtidos a partir de 1984, sem correspondente retomada do ritmo de importações? Entender este ponto é fundamental para se entender o ajuste estrutural ocorrido no Brasil.

Neste sentido, a explicação de Castro* é, sem dúvida, a mais convincente. Segundo este autor, foi a maturação dos projetos de investimento nos setores produtores de bens de capital e insumos básicos para a indústria, que se completou em 1983/1984, que permitiu ao país crescer aceleradamente após a crise de curto prazo, sem comprometer o equilíbrio do balanço de pagamentos. Ele estimou que os ganhos de divisas obtidos da entrada em funcionamento destes programas tenham atingido US\$7.403 milhões para os produtos intermediários e US\$2.200 milhões para os bens de capital, em 1984. Com isto, estimou também que o coeficiente de importações de manufaturados na oferta total de manufaturados no Brasil tenha se reduzido de 11.9 em 1974, para 3.5 em 1984*.

Neste contexto, podemos dizer que a estratégia de apro

* Ver A.B.de Castro - op.cit.

** Ibid, op.cit., pág.58, 95 e 71.

fundamento do processo de substituição de importações que se ini
ciou em 1974, ao mesmo tempo que criou o problema da dívida exter
na "excessiva" no final dos anos setenta, criou também as condi
ções necessárias para a superação deste problema em meados dos anos
oitenta. Por outro lado, colocou o país em outro patamar de desen
volvimento industrial, com setores produtores de bens de capital e
insumos industriais básicos modernos e competitivos a nível inter
nacional.

É importante notar a importância do Estado como investi
dor e como orientador dos investimentos privados durante todo o pro
cesso. Foi a decisão de utilizar recursos do sistema financeiro in
ternacional privado para financiar os grandes projetos de investi
mento, em grande parte executados pelas empresas Estatais, que via
bilizou o crescimento industrial, criou incentivos para o investi
mento privado e gerou o ajuste estrutural obtido a partir de 1984.
Sem dúvida, um exemplo de complementaridade entre Estado e inicia
tiva privada, no qual o primeiro adotou o papel de líder do proces
so de industrialização, criando, com isto, condições para que o se
tor privado crescesse e se consolidasse a longo prazo.

III - Desigualdade e Pobreza - O Desequilíbrio Interno

O grande sucesso, em termos de crescimento e industrialização descrito na seção anterior, deve ser contrastado com o inegável fracasso obtido no que se refere à distribuição dos frutos deste crescimento para grande parte da população. Nesta seção, utilizamos diferentes indicadores de distribuição da renda e de pobreza, para caracterizar este fenômeno.

Consideremos inicialmente os índices agregados de distribuição da renda entre 1960 e 1983. Dois conjuntos de dados serão utilizados, os Censos Demográficos de 1960, 1970, 1980 e as Pesquisas Nacionais por Amostras Domiciliares (PNADs) para o período 1972-1983, que complementam as informações para os anos entre os Censos. Apesar de não estritamente comparáveis, estas duas fontes apresentam resultados bastante consistentes entre si.

Os dados dos Censos Demográficos mostram uma clara tendência à concentração da renda entre 1960 e 1980. O coeficiente de Gini passou de 0,499 em 1960 para 0,562 em 1970 e 0,581 em 1980. Sem dúvida, o período de mais intensa concentração foi a década de sessenta, durante a qual este coeficiente cresceu 12,63%. Nestes dez anos, todos os decis exceto os 10% mais ricos da População Economicamente Ativa perderam em termos relativos. Este último grupo teve sua participação aumentada em 20,5%. Durante a década de setenta, o aumento da desigualdade foi bem menos acentuado, com o coeficiente de Gini crescendo 3,38% e quedas mais modestas nas participações relativas dos diferentes decis da distribuição. Em ambos os períodos,

os grupos intermediários foram os que mais perderam rela
tivamente.*

A divisão da PEA entre os setores rural e urbano, mostra diferentes comportamentos ao longo do período. Enquanto nos anos sessenta é o setor urbano que comanda o processo de concentração (o coeficiente de Gini deste setor cresceu 10.4%, e o do setor rural caiu 4.6%), durante a década de setenta é a parte rural da econo
mia que assume o papel de impulsionadora da desigualdade. Se inter
calamos os dados da PNAD de 1976 para os dois setores** observamos que no setor urbano, a tendência à concentração da renda persiste no início da década, mas inverte-se entre 1970 e 1976***. O setor rural, por outro lado, apresenta tendência concentradora durante toda a década.

Os dados analisados acima apontam para uma forte concen
tração da renda urbana entre 1960 e o início da década de setenta e subsequente desconcentração neste setor. No setor rural, por ou
tro lado, o período de aumento da desigualdade ficou restrito à dé
cada de setenta.

As informações das PNADs nos permitem analisar a evolu
ção da distribuição da renda para a economia como um todo, entre

* Ver Anexo estatístico. Tabela VIII

** Este é o único ano para o qual a PNAD publica índices separados para estes dois setores da economia. Anexo Estatístico - Tabela IX

*** Como não existem dados para este período, podemos apenas concluir que a mudan
ça ocorreu entre estes anos. Os dados da PNAD de 1972, descritos abaixo, su
gerem que esta inversão ocorreu depois deste ano.

1972 e 1983. Para a década de setenta, os resultados são similares aos apresentados acima. O grau de concentração da renda atingiu seu ponto mais elevado entre 1972 e 1976. O coeficiente de Gini em 1972 era 0.622, enquanto em 1976 este coeficiente havia se reduzido para 0.589. Os dois anos seguintes mostram uma ligeira piora nos índices de desigualdade, com nova inversão a partir de 1979, que continuou até 1981. Entre 1981 e 1983, o coeficiente de Gini voltou a crescer.*

Com base nestes índices agregados, podemos concluir que ocorreu um forte processo de concentração da renda na economia brasileira no período 1960-1983. O coeficiente de Gini, que era 0,499 em 1960, passou para 0,598 em 1983. O ponto mais alto da desigualdade se deu entre 1972 e 1976. A redução dos índices de desigualdade persistiu até 1981, quando ocorreu novo aumento da concentração da renda.

Consideremos agora a evolução da porcentagem da renda gerada na economia, apropriada pelos 50% mais pobres, comparada àquela apropriada pelos 10% mais ricos da distribuição. Entre 1960 e 1976, a participação dos 50% mais pobres caiu de 17.7% para 9.1% da renda, enquanto os 10% mais ricos tiveram sua participação aumentada de 39.66% para 50.5% da renda. Em 1976, iniciou-se um período de aumento da participação relativa dos 50% mais pobres, chegando a 13.1% em 1979. Este aumento continuou até 1981, quando nova redução se deu na porcentagem da renda apropriada pelos 50% mais pobres. Em 1983, este grupo se apropriava de apenas 12.2% da renda gerada na economia.**

* Anexo Estatístico - Tabela X

** Ver Anexo Estatístico - Tabela XI

Finalmente, este quadro de aumento da desigualdade a nível agregado é confirmado pela análise do comportamento das relações entre as rendas médias dos 10% e 5% mais ricos e dos 50% mais pobres. Estas relações cresceram entre 1960 e 1972, caíram a partir deste ano, até 1980, e cresceram de 1981 até 1983. Neste último ano a relação entre a renda média dos 10% mais ricos e a dos 50% mais pobres era 19.6 enquanto os 5% mais ricos da distribuição ganhavam, em média, 27.8 vezes a renda média dos 50% mais pobres.*

Dados recém-publicados a partir de tabulações especiais das PNADs de 1981 e 1983 nos permitem avaliar a situação dos níveis de pobreza urbana e sua evolução para estes anos.** Para tal, foram considerados pobres os trabalhadores que tinham renda mensal igual ou menor que um salário mínimo nos respectivos anos. Como o salário mínimo real caiu cerca de 10% no período, a definição da linha de pobreza a partir do salário mínimo nominal resulta em uma queda correspondente na renda real dos pobres.

Inicialmente, devemos considerar que 25,9% dos trabalhadores empregados no setor urbano da economia brasileira recebiam menos que um salário mínimo em 1981. Isto correspondia a 7.507 mil trabalhadores. Em 1983, este número havia crescido para 9.371 mil trabalhadores ou 30,2% do total de empregados no setor urbano. Isto significa que do total de empregos criados nestes anos, 91,1% pagavam um salário mínimo ou menos.

* Ver Anexo Estatístico. Tabela XII

** Ver Jorge Jatobá-"Urban Poverty, Labor Markets and Regional Development: The Case of Brazil"-ILO/Employment and Population Branch - Spring 1986.

A análise por setor de atividade econômica em 1983 mostra que do total de empregos localizados no setor serviços, 34.7% pagavam um salário mínimo ou menos, enquanto o setor industrial era o que apresentava menor percentagem de empregos com baixas remunerações (18.9%). Finalmente, devemos notar que a taxa de desemprego cresceu de 6.1% para 6.9% da PEA urbana.*

O reconhecimento de que os mercados de trabalho urbanos em economias como a brasileira são segmentados, com um segmento organizado ou formal, no qual a relação de trabalho assalariado é dominante, e outro segmento não-organizado, ou informal, no qual esta relação é eventual e muitas vezes não existente, tem sido de grande relevância para se entender as causas da evolução dos níveis de desigualdade e pobreza nestas economias. Neste contexto, devemos analisar a importância destes dois segmentos no mercado de trabalho no Brasil, assim como os níveis de remuneração pagos nos mesmos. A relação entre as remunerações destes dois segmentos será estudada com mais cuidado na próxima seção.

Para os efeitos da análise empírica desta seção, foram considerados como participantes do segmento não-organizado, ou informal, as seguintes categorias de trabalhadores:**

- trabalhadores assalariados, sem carteira de trabalho assinada, recebendo dois salários mínimos ou menos por mes;

* Ver Anexo Estatístico- Tabelas XIII e XIV

** Esta taxonomia está baseada em R. Infante-"Características Estruturais dos Mercados de Trabalho Urbanos", Anais do Congresso da ANPEC- Vitória -ES - Dezembro 1986. Ver também J. Jatobá, op.cit. - pag. 56.

- empregadores com renda igual ou menor que cinco salários mínimos mensais;
- trabalhadores por conta própria com renda mensal igual ou menor que dois salários mínimos;
- trabalhadores familiares sem remuneração;
- trabalhadores domésticos.

Tomando por base esta definição, o segmento não-organizado respondia por 32.1% do emprego gerado no setor urbano da economia brasileira em 1981, passando a 34.5% em 1983. Ao dividirmos por setor de atividade econômica, observa-se que do total de emprego industrial, 16.0% estava localizado no segmento informal, ou não-organizado, em 1983, enquanto 46.0% do emprego no setor de construção estava nesta categoria. Finalmente, entre 1981 e 1983, enquanto a força de trabalho crescia 3.80%, o emprego urbano cresceu 3.41%. Desse crescimento, 1.60% correspondeu a um aumento do emprego no segmento organizado e 7.03% no não-organizado.*

O último ponto a ser considerado nesta seção é a relação entre empregos com baixa remuneração e segmentação do mercado de trabalho. Esta relação apresenta um certo grau de circularidade pois a própria definição de setor não-organizado adotada utiliza o nível de renda como um critério importante de classificação. Porém, a comparação dos dados, de 1981 e 1983 mostra resultados suficientemente interessantes para ser considerada.

* Ver Anexo Estatístico. Tabelas XV e XVI

Em 1981, 20,8% dos empregos com remuneração igual ou menor que um salário mínimo estavam localizados no segmento organizado da economia e 79,2% no segmento não-organizado. Em 1983, as participações haviam mudado para 24,8% e 75,2% respectivamente. Em outras palavras, o crescimento do emprego de baixa renda no segmento organizado (19,95%) foi maior que este crescimento no não-organizado (8,48%). Do total do emprego no segmento organizado em 1981, 7,9% pagava remuneração igual ou menor que um salário mínimo, enquanto em 1983 esta porcentagem havia crescido para 11,4%. Os números correspondentes para o segmento não-organizado eram 63,9% e 65,7% respectivamente.*

Os dados apresentados acima nos permitem algumas conclusões importantes. Primeiro, que durante o período de rápido crescimento (1968-1974) e os anos de ajuste recessivo de curto prazo (1981-1983), houve uma forte tendência à concentração da renda na economia brasileira. Por outro lado, o período de intensificação do processo de substituição de importações (1976-1980), se caracterizou por uma inversão desta tendência, principalmente no setor urbano da economia.

O segundo ponto importante é que após mais de três décadas de crescimento industrial, durante as quais o país criou um parque industrial moderno e diversificado, em grande parte competitivo a nível internacional, os níveis de pobreza urbana continuam bastante elevados. Cerca de 30% dos empregos urbanos em 1983 pagavam remunerações iguais ou menores que um salário mínimo mensal (aproximadamente US\$ 60).

* Ver Apêndice Estatístico. Tabelas XVII e XVIII

O terceiro ponto é que o segmento informal do mercado de trabalho continua respondendo por parte substancial da geração de empregos no país. Em 1983, cerca de um terço do emprego gerado se localizava neste segmento do mercado de trabalho.*

Finalmente, que os pobres (aqui definidos como aqueles que recebiam um salário mínimo ou menos), apesar de serem encontrados em empregos dos dois segmentos do mercado de trabalho, estavam principalmente concentrados no segmento informal.

* Estimativas não comparáveis utilizando uma definição de segmento informal independente do nível de renda, que classificam como parte do setor informal os proprietários, os empregados por conta própria e os trabalhadores familiares sem remuneração, estimam que este segmento teve sua participação crescente entre 1976 e 1983, passando de 20% para 24% da força de trabalho urbana neste período. Ver quadro pag. 49.

IV - O Mercado de Trabalho e a Concentração da Renda

Na seção anterior mostramos o grande desequilíbrio interno, definido como um aumento do grau de concentração da renda, manutenção ou redução apenas marginal dos níveis de pobreza urbana e baixos salários reais, persistente após quatro décadas de rápido crescimento industrial da economia brasileira. Nesta seção, faremos uma análise das causas deste fenômeno, com ênfase no comportamento do mercado de trabalho.*

Para que possamos entender a evolução da distribuição da renda através do mercado de trabalho, três aspectos devem ser considerados. Em primeiro lugar, precisamos entender o processo de formação dos salários no segmento organizado do mercado de trabalho. O segundo ponto importante é a relação entre estes salários e as rendas obtidas no segmento não-organizado, ou informal, da economia. Finalmente, precisamos entender a relação entre os salários e o nível de emprego nestes dois segmentos do mercado de trabalho.

IV.1 - Aspectos institucionais

Dois fatores foram de importância fundamental para o aumento da concentração da renda, ambos intimamente associados às mutações

* Este artigo trata exclusivamente da distribuição da renda no setor urbano da economia. Porém, como este setor corresponde a aproximadamente 70% do total da renda gerada, a evolução da distribuição da renda para a economia como um todo tem comportamento similar. A análise deste problema no setor rural está ligada à estrutura de propriedade rural e não é objeto do presente trabalho.

danças políticas ocorridas a partir do golpe militar de março de 1964. Em primeiro lugar, transformou-se a política do salário mínimo de um instrumento voltado para a manutenção do padrão de vida dos trabalhadores, em um instrumento de combate à inflação. Segundo, instituiu-se uma política de reajustes salariais, cujo objetivo era exercer forte controle sobre o crescimento dos salários reais no país. Em ambos os casos, a origem das mudanças era o diagnóstico dos gestores da política econômica de que os salários eram os principais causadores da aceleração inflacionária do início dos anos sessenta.

Para que possamos entender a importância destas mudanças como fatores que impulsionaram o processo de concentração da renda no Brasil, devemos avaliar o grau de efetividade dos mesmos no sentido de afetar os salários pagos no segmento formal do mercado de trabalho da economia.

A importância do salário mínimo e da lei salarial na formação dos salários do segmento formal do mercado de trabalho está ligada ao arcabouço institucional no qual se dão as relações entre capital e trabalho no Brasil, a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), e ao grau de controle (ou repressão política) dos sindicatos de trabalhadores.

Criada em 1943, durante a ditadura de Getúlio Vargas, a CLT regulamenta toda a estrutura sindical no país, a ligação entre esta estrutura e o Estado, o processo de negociações coletivas, os benefícios e obrigações mínimas de patrões e trabalhadores e o papel da Justiça do Trabalho e do Estado como gerenciadores do conflito entre capital e trabalho no processo produtivo.

Sem dúvida, a singularidade da CLT é sua resistência a mudanças, em um ambiente de profundas transformações institucionais e econômicas. Entre 1943 e 1986, o país atravessou duas ditaduras (1930/1945 e 1964/1974), um período de democratização controlada (1974/1984) e dois períodos de plena atividade democrática (1945/1964 e após 1985). Neste intervalo de cerca de quarenta anos, foram promulgadas quatro leis constitucionais. Ao mesmo tempo, o país se transformava de uma sociedade rural em uma sociedade urbana e de uma economia agrícola-exportadora em uma economia urbana-industrial. Durante todos estes anos, entretanto, apenas duas mudanças importantes foram realizadas no que se refere à legislação trabalhista no Brasil. A instituição de uma draconiana lei de greve logo após o golpe militar de 1964, e o fim da Lei de Estabilidade no emprego.

Esta grande capacidade de resistência a mudanças está associada à estrutura corporativista da CLT, o que conferia um grande poder de controle dos sindicatos por parte do Estado. Uma descrição breve deste conjunto de leis ajudará a entender este ponto.

Dentro das regras estipuladas pela CLT um sindicato, para ser constituído legalmente e ter o direito a arremeter filiados, deve ser registrado no Ministério do Trabalho através de um complicado processo burocrático que, em última instância, depende da aprovação do próprio Ministro do Trabalho. A representação sindical se dá por categoria profissional (ocupação) e região geográfica. Uma vez registrado, o sindicato passa a ter o monopólio da representação dos trabalhadores da categoria, na região especificada. Todos os trabalhadores empregados, classificados nas duas dimensões acima,

passam a contribuir obrigatoriamente com uma quantia anual, independentemente de filiação. O valor da contribuição sindical é estipulado, a cada ano, pelo Ministério do Trabalho. Os trabalhadores não filiados e os que não contribuírem espontaneamente até o terceiro mês do ano, sofrem um desconto em folha à guisa de contribuição sindical. Este montante de recursos é depositado em conta do Ministério do Trabalho na rede bancária do país, sendo parte repassada aos sindicatos e o restante constitui-se em uma das principais fontes de recursos do próprio Ministério. Uma legislação específica determina a forma como estes recursos repassados devem ser utilizados, estando estes quase que integralmente vinculados a atividades de caráter cultural e social. A fiscalização dos gastos cabe ao Ministério do Trabalho.

Este sistema de contribuição compulsória, com conseqüente necessidade de fiscalização, tem como principal resultado a total perda de autonomia financeira dos sindicatos em relação ao Poder Executivo. Em segundo lugar, êle enseja a criação de organizações não representativas, os chamados "sindicatos carimbos", cuja única função é receber a contribuição de determinado grupo de trabalhadores, e cria condições para o funcionamento de sindicatos economicamente frágeis que dificilmente conseguiram sobreviver em um ambiente de contribuição voluntária. Por outro lado, inibe a estruturação sindical em bases mais sólidas e representativas gerando grandes dificuldades para uma atuação independente em relação ao Ministério do Trabalho.

Neste contexto, os sindicatos com maior capacidade de organização introduziram, no final dos anos setenta, uma fórmula que viabilizou sua independência financeira. Ela consistiu em estipular,

em cada acordo coletivo celebrado anualmente, uma porcentagem do aumento do salário obtido, a ser descontado no primeiro pagamento após o acordo, em benefício do sindicato. Este desconto é realizado voluntariamente pelo trabalhador e sua utilização depende única e exclusivamente das necessidades da própria organização. Sem dúvida, um passo extremamente importante em direção à maior autonomia sindical do país.

Pórem, o aspecto financeiro é apenas parte da dependência dos sindicatos em relação ao Estado. Um segundo ponto importante é a estrutura hierárquica criada pela CLT, na qual os sindicatos se agregam em Federações a nível estadual e estas em Confederações a nível nacional. Para funcionar, as Federações precisam ser reconhecidas pelo Ministério do Trabalho, enquanto que as Confederações só podem ser reconhecidas por decreto do próprio Presidente da República. Finalmente, são proibidas a formação de organizações nacionais que congreguem sindicatos de diferentes categorias,* assim como a nível interno das empresas e dos locais de trabalho, exceto em casos excepcionais, a critério do Ministério do Trabalho.

O terceiro aspecto importante a ser considerado é o enorme poder de repressão e fiscalização dado pela CLT ao Ministério do Trabalho. Além do já mencionado poder de conceder o re

* Em 1985, com o início do período de democratização e o fim dos governos militares, esta proibição foi relaxada através do reconhecimento legal das duas centrais sindicais então em atividade, a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e a Conferência da Classe Trabalhadora (CONCLAT), esta última depois transformada em Central Geral dos Trabalhadores (CGT).

proibe a deflagração de movimentos grevistas por uma grande par te das categorias profissionais, além de fazer exigências bastante difíceis de serem cumpridas, para que o movimento pudesse ser consi derado legal. Com o fim da Lei da Estabilidade e a criação do Fundo de Garantia de Tempo de Serviço (FGTS), que permite dispensas pra ticamente sem custo adicional para os empregadores, se uma greve é declarada ilegal os trabalhadores que persistirem no movimento podem ser sumariamente demitidos, sem qualquer compensação. Os sin dicatos podem sofrer intervenção governamental e seus líderes serem presos e terem seus direitos políticos cassados, a critério do Mi nistro do Trabalho.

Esta estrutura institucional, combinada à repressão aos sindicatos, que se seguiu ao golpe militar de 1964, tornou a mobili zação política dos trabalhadores impossível. Desta forma, a políti ca salarial e a política do salário mínimo se tornaram elementos poderosos no processo de formação dos salários de parte significa tiva da mão de obra do segmento organizado do mercado de trabalho no Brasil.

IV.2 - A Formação dos Salários no Segmento Organizado

Para entendermos o processo de formação dos salários no segmento organizado do mercado de trabalho da economia brasileira, devemos dividi-lo em dois segmentos, que apresentam característi cas distintas no que se refere a este aspecto. No primeiro segmen to, estão as ocupações diretamente ligadas à produção, os operári os, enquanto o segundo compreende as ocupações administrativas, prin

principalmente aquelas relacionadas à direção e gerência das empresas.

No primeiro segmento, a formação dos salários está intimamente relacionada à possibilidade de mobilização dos sindicatos destas categorias (e portanto à estrutura da CLT e à capacidade de controle dos mesmos pelo governo) e aos índices de reajuste do salário mínimo e da lei salarial. O nível do salário mínimo real, afeta os salários dos trabalhadores não qualificados, enquanto a existência de mercados internos de trabalho ao nível da empresa e a lei salarial se combinam para formar os outros salários na hierarquia deste segmento.

De outro lado, estão as ocupações administrativas principalmente aquelas direta ou indiretamente ligadas à gerência e à direção das empresas. Para estas, o salário mínimo e a lei salarial estipulam apenas um piso a partir do qual as remunerações são determinadas. A remuneração efetivamente paga neste segmento é afetada pela evolução do lucro das firmas e pela disponibilidade relativa de profissionais qualificados no mercado de trabalho.

Desta forma, quando o salário mínimo real cai, os salários dos trabalhadores ligados à produção são diretamente afetados, a menos que seja possível uma forte mobilização sindical. Por outro lado, elevadas taxas de crescimento e alta lucratividade, geram aumentos das remunerações ligadas à gerência e à direção das empresas acima dos índices estipulados pela política salarial. Novamente, o efeito sobre os salários dos operários depende da capacidade de mobilização sindical. Sendo assim, períodos de rápido crescimento, com reduções do salário mínimo real, tendem a reduzir os salários

do primeiro segmento em relação às remunerações pagas no segundo, gerando concentração na distribuição dos salários na economia.

Durante o período 1964-1985, a política salarial e os reajustes do salário mínimo passaram por três fases distintas. A primeira, que durou até 1974, durante a qual o índice de reajuste dos salários era estipulado a partir de uma estimativa da inflação futura, acrescida da taxa de crescimento da produtividade do trabalho.

Desta forma, sub-estimativas da inflação futura reduziam o índice de reajuste dos salários e, conseqüentemente, a participação dos mesmos no valor do produto gerado (se esta política era efetiva no sentido de determinar os salários dos operários no setor formal). Entre 1974 e 1979, adotou-se uma política de reajustes a partir da inflação do período anterior, mais o crescimento da produtividade do trabalho. Finalmente, de 1980 a 1985, os índices de reajuste eram decrescentes por faixa de salário, enquanto o índice de produtividade era negociado entre trabalhadores e empregadores. Nestes dois últimos sub-períodos, se a taxa de inflação era decrescente (ou crescente) os salários reais cresciam acima (ou abaixo) da produtividade do trabalho.

Dadas estas leis, em períodos de baixa capacidade de mobilização sindical (devido à repressão política aos sindicatos, como em 1964/1975 ou devido à forte recessão, como em 1981/1984), a participação dos salários dos operários no valor da produção estaria diretamente associada à evolução do salário mínimo real e dos índices de reajuste estipulados pela política salarial. Por outro lado, quando a mobilização sindical é forte (como entre 1976/1979), esta participação deveria crescer em relação ao crescimento do salário mínimo real.

Infelizmente não existem dados para o segmento formal como um todo, para que possamos testar as hipóteses acima. Entretanto, informações referentes ao setor industrial são disponíveis, o que nos permite utilizar este setor como "proxy" para o comportamento do conjunto deste segmento. A hipótese implícita é de que os outros setores componentes do mercado formal de trabalho (comércio, e serviços) têm um comportamento similar ao setor industrial. Alternativamente, podemos supor que o setor industrial tem o papel de liderança no processo de formação dos salários no segmento formal do mercado de trabalho da economia brasileira.

Estimamos um conjunto de regressões, todas tendo como variável dependente o logaritmo da participação dos salários dos operários no valor do produto industrial (Pn Part.S). O quadro abaixo apresenta os resultados obtidos, para o período 1966-1985.

Na regressão 1), utilizamos como variável independente o logaritmo do salário mínimo real (ln SMR). Nas equações 2) a 4), testamos, de diferentes formas, a hipótese de que no período de

| | Constante | In SMR | In EMP | D ₁ (76-79) | D ₂ (76-79) | R ² | F | DW | SSR |
|-----------------------|--------------------|-------------------|-------------------|------------------------|------------------------|----------------|--------|------|-------|
| 1) In Part S (MQ0) | -0,303 (-0,288) | 1,148 (4,666)* | | | | 0,55 | 21,779 | 1,52 | 0,070 |
| 2) In Part S (MQ0) | 0,321 (0,307) | 0,999 (4,073)* | | 0,063 (1,832)* | | 0,62 | 13,997 | 1,42 | 0,058 |
| 3) In Part S (MQ0) | 0,654 (0,544) | 0,981 (3,901)* | -0,054 (0,599) | 0,076 (1,855)* | | 0,63 | 9,099 | 1,42 | 0,057 |
| 4) In Part S (MQ0) | 0,323 (0,309) | 0,998 (4,072)* | | | 0,012 (1,838)* | 0,62 | 14,020 | 1,42 | 0,058 |

Estadísticas t significativas a 1% de confiabilidade

D₁ (76-79) - Variável Dummy com valor um para os anos 1976-1979 e zero para o restante do período
D₂ (76-79) - Variável Dummy multiplicativa em In Emp, com valor um nos anos 1976-1979 e zero para o restante do período.

maior liberdade e mobilização sindical (1976-1979), a participação dos salários dos operários no valor da produção da indústria tenha também um componente autônomo, não ligado à evolução do salário mínimo real. Na equação 2), introduzimos uma Dummy na constante da equação 1), para o período 1976-1979. Na equação 3) acrescentamos o logaritmo do emprego industrial (In Emp) como variável independente, para testar a hipótese de que a variação da participação dos operários dependa do crescimento do emprego. Finalmente, na equação 4), uma variável Dummy multiplicativa no coeficiente do logaritmo do emprego industrial foi utilizada para testar a possibilidade de que é a capacidade de mobilização sindical que faz com que o crescimento do nível de emprego tenha efeito sobre a participação dos salários dos operários no valor do produto. Esta Dummy tem valor um para o período 1976-1979 e zero para os outros anos.

O coeficiente do salário mínimo real é sempre um, ou seja, a elasticidade da participação dos salários dos operários no valor do produto industrial em relação ao salário mínimo real é um. Todas as Dummies para o período 1976-1979 são positivas e significativas, indicando que neste período de maior atividade sindical a evolução do salário mínimo real explica apenas parte da evolução da participação dos operários. Finalmente, podemos concluir também que apenas quando existe possibilidade de mobilização sindical, um aumento do emprego gera aumento na participação dos salários dos operários no valor do produto industrial. Todos estes resultados apoiam a hipótese desenvolvida acima de que os salários dos operários no segmento formal do mercado de trabalho no Brasil, está intimamente associado à política salarial do governo (aqui represen

tada pela evolução do salário mínimo real) e pela capacidade de mobilização sindical.*

O segundo aspecto que devemos analisar é quem se apropria do crescimento da produtividade dos operários, quando a participação deste grupo no produto está se reduzindo. Segundo nossa hipótese, este crescimento é em parte apropriado pelos lucros e, em parte, pelos trabalhadores administrativos, principalmente aqueles ligados à gerência e direção das empresas.

Para testá-la, estimamos uma regressão cuja variável dependente é a razão entre as remunerações médias do pessoal administrativo e os salários médios dos trabalhadores ligados à produção na indústria (Z), e as variáveis independentes, o salário mínimo real (SMR) e a taxa de variação do produto industrial (\hat{X}), que é utilizada como "proxy" para os lucros. Devemos esperar que o coeficiente do salário mínimo real seja negativo ou nulo, pois esta variável afeta mais intensamente o denominador da razão (porém, estipula um piso para os reajustes dos salários na administração), enquanto o coeficiente da taxa de variação do produto (lucros) deverá ser positivo. Os resultados são apresentados abaixo, para o período 1963-1985:

* Estimativas para os salários de serventes, pedreiros e mestre de obras no setor de construção civil no Brasil mostram que também neste setor, a política salarial e o salário mínimo são os fatores que determinam o processo de formação destes salários. Ver José Guilherme de Almeida Reis- Dinâmica dos Salários Nominais: uma Análise do Setor de Construção Civil - Tese de Mestrado - Dep. de Economia - PUC/RJ - 1985.

| | Constante | SMR | \hat{X} | R^2 | F | SSE | DW |
|--------|-----------|-----------|-----------|-------|--------|-------|------|
| Z | 2.353 | -0.005 | 0.021 | 0.63 | 14.998 | 0.257 | 2.19 |
| (MQ0) | (7.376)* | (-1.195) | (4.959)* | | | | |
| Z | 2.404 | -0.005 | 0.023 | 0.62 | 14.134 | 0.289 | 2.03 |
| (CORC) | (7.396)* | (-1.363)* | (5.442)* | | | | |

* Estatísticas t significativas a 5% de confiabilidade.

Os coeficientes estimados tem sinais corretos e são significativos, sugerindo que os lucros são um componente importante no processo de formação dos salários do pessoal administrativo na indústria brasileira.

Dados os resultados obtido concluímos que a estrutura institucional descrita acima, combinada à política governamental de reduzir o nível do salário mínimo real, à adoção de índices de reajustes de salários através da lei salarial abaixo da taxa de inflação, e a repressão aos movimentos sindicais que se seguiu ao golpe militar de março de 1964, e que perdurou até 1975, foram fatores importantes para explicar o processo de concentração da distribuição dos salários durante o período 1964-1974. Neste período, o salário mínimo real caiu cerca de 25% enquanto a taxa de crescimento da produção industrial atingiu, após 1968, níveis superiores a 10% ao ano. Como resultado a relação entre as remunerações pagas aos trabalhadores administrativos e os salários pagos aos trabalhadores ligados à produção na indústria cresceu de 1,96 em 1963 para 2,48 em 1973. Enquanto a produtividade dos trabalhadores ligados à produção na in

dústria cresceu cerca de 50% entre 1968 e 1973, a participação dos salários destes trabalhadores no valor da produção industrial caiu 9%. A partir de 1974, à medida em que o salário mínimo real aumentava os sindicatos de trabalhadores se tornavam mais ativos, devido ao lento processo de democratização e o produto industrial crescia a taxas mais moderadas, a participação dos salários dos trabalhadores ligados à produção no valor da produção industrial cresceu.

Finalmente, a recessão e o aumento do desemprego causados pela política de ajuste de curto prazo a partir de 1981, combinado à queda do salário mínimo real devido à aceleração inflacionária, resultou em redução acentuada desta participação no período 1982/1985, ao mesmo tempo em que a razão entre as remunerações pagas ao pessoal administrativo e os salários pagos aos trabalhadores ligados à produção voltou a subir acentuadamente.*

Os dados apresentados, indicam uma clara tendência à concentração da distribuição dos salários e da renda no segmento formal da economia durante o período 1968-1974, desconcentração entre 1974 e 1981 e nova reversão para os anos 1982-1984, um comportamento bastante similar ao da distribuição do total da renda urbana, como visto na seção III.

Porém, para que possamos entender as causas desta similaridade, devemos analisar o processo de formação das rendas obtidas no segmento não-organizado, ou informal, do mercado de trabalho urbano, assim como, a relação entre estas rendas e os salários pagos no segmento formal deste mercado.

* Ver Anexo Estatístico - Tabelas XIX - XXII

IV.3 - A Determinação das Rendas do Segmento Informal

Nesta seção argumentamos que as rendas obtidas no segmento não-organizado do mercado de trabalho na economia brasileira são, em grande parte determinadas pelos preços dos produtos competitivos gerados no segmento formal da economia e, através destes preços, pelos salários dos trabalhadores ligados à produção neste segmento.

Para que possamos entender este processo, devemos em primeiro lugar notar que, ao contrário do segmento formal, no qual a ligação entre capital e trabalho se dá através da relação de trabalho assalariado, (daí podermos chamá-lo de capitalista), a principal característica do setor informal é a produção e/ou venda de bens e serviços sem assalariamento da força de trabalho. Ele é composto principalmente por produtores e/ou vendedores que trabalham por conta própria e pequenas unidades familiares. O assalariamento, quando existente, é uma situação eventual e tênue.* Neste contexto, a renda obtida por estes trabalhadores adquire, em geral, a forma de receita pela venda de bens e serviços por eles produzidos e/ou distribuídos.

O segundo aspecto relevante é que os bens e serviços produzidos e/ou vendidos são, na maior parte dos casos, competitivos com bens e serviços gerados e vendidos pelo segmento formal (ou capitalista) da economia. Desta forma, os preços cobrados em um não podem ser totalmente independentes dos cobrados por bens e serviços similares do outro segmento.

* O modelo que se segue, não pretende explicar a formação dos salários destes trabalhadores com relação de trabalho assalariado eventual no segmento informal do mercado de trabalho.

Finalmente, devido ao grau de oligopolização do setor capitalista da economia, seus preços são determinados a partir da adição de uma margem bruta de lucros aos custos unitários diretos de produção, nos quais os salários dos trabalhadores ligados à produção são parte importante. Dado o poder relativo de mercado das empresas competidoras nos dois segmentos da economia, a suposição de que é a concorrência dos produtores e/ou vendedores do segmento informal que irá determinar os preços das empresas capitalistas, é totalmente irrealista. Consequentemente, devemos supor que os preços dos bens e serviços gerados no último segmento são formados a partir de necessidades próprias das empresas que nele operam. Como produtos competitivos dos dois segmentos devem ter preços similares, são os preços cobrados pelos participantes do segmento informal que são determinados a partir daqueles cobrados por produtos similares no formal. Esta ligação e o processo de formação dos salários no setor capitalista, analisado acima, nos fornece a relação entre as rendas dos dois segmentos.

Um modelo algébrico simples nos ajudará a entender este processo. Suponhamos, para facilitar, que trabalho seja o único insumo das empresas capitalistas.

Portanto,

$$p = (1+m) wb$$

onde

p = preço cobrado pelas empresas capitalistas

m = margem bruta de lucros destas empresas

w = salário do pessoal ligado à produção nas empresas capitalistas

b = inverso da produtividade do trabalho = $\frac{tc}{x_c}$

t_c = emprego do setor capitalista

x_c = produção deste setor

Pelo mecanismo de formação dos salários do pessoal ligado à produção descrito acima temos

$$w = f(w^*, s) \quad (1)$$

$$\frac{\partial f}{\partial w^*} > 0$$

sendo

w^* = salário mínimo*

s = capacidade de mobilização dos sindicatos operários.

Portanto,

$$p = (1+m) f(w^*, s)b \quad (2)$$

Se

p_i = preço cobrado pelos produtos competitivos do setor informal

a hipótese de formação de preços discutida anteriormente nos diz que

$$p_i = \beta p \rightarrow p_i = \beta(1+m)f(w^*, s)b$$

onde

β = relação entre os preços dos dois setores

β = constante

* O salário mínimo é utilizado aqui como uma "proxy" para as outras instituições que compõem o processo de formação destes salários.

Desta forma, a renda total do setor informal será

$$p_i x_i = \beta(1+m) f(w^*, s) b x_i$$

sendo x_i = oferta do setor informal

Seja

α = proporção dos salários do pessoal ligado à produção gasta no setor informal;

γ = proporção da renda do setor informal gasta dentro do próprio setor;

η = proporção das outras rendas do setor capitalista (remuneração do pessoal administrativo e lucros) gasta com a aquisição de bens e serviços do setor informal.

e supondo que a oferta do setor informal seja igual à demanda por seus produtos, teremos:

$$p_i x_i = \alpha w t_c + \gamma p_i x_i + \eta m w t_c^*$$

$$p_i x_i = \frac{\alpha}{1-\gamma} w t_c + \frac{\eta m}{1-\gamma} w t_c$$

A renda per-capita do setor informal seria

$$R_i = \frac{p_i x_i}{t_i} = [\alpha + \eta m] \frac{w}{1-\gamma} \frac{t_c}{t_i}$$

t_i = número de trabalhadores em atividade no segmento informal

* Notar que $m w b x_c = m w t =$ outras rendas do setor capitalista exceto os salários pagos ao pessoal ligado à produção.

Supondo preços constantes e que a produtividade do trabalho não é afetada por variações dos salários reais dos trabalhadores ligados à produção, ou seja, trabalhando com transferências reais de renda entre setores, podemos escrever a partir da equação de preços (2)

$$0 = dmwb + (1+m)bdw$$

$$\frac{dm}{dw} = - \frac{1+m}{w}$$

O efeito de variações no salário mínimo real sobre a renda per-capita do setor informal será

$$\frac{\partial R_i}{\partial w^*} = \eta \frac{dm}{dw} \cdot \frac{\partial f}{\partial w^*} \frac{w}{1-\gamma} \frac{t_c}{t_i} + (\alpha + \eta m) \frac{1}{1-\gamma} \frac{t_c}{t_i} \frac{\partial f}{\partial w^*}$$

$$\frac{\partial R_i}{\partial w^*} = [-\eta \left(\frac{1+m}{w}\right)w + (\alpha + \eta m) \frac{1}{1-\gamma} \frac{t_c}{t_i} \frac{\partial f}{\partial w^*}$$

$$\frac{\partial R_i}{\partial w^*} = (\alpha - \eta) \frac{1}{1-\gamma} \frac{t_c}{t_i} \frac{\partial f}{\partial w^*} \quad (4)$$

Como, pelo processo de formação dos salários do pessoal ligado à produção no setor capitalista, analisado neste artigo,

$$\frac{\partial f}{\partial w^*} > 0$$

um aumento do salário mínimo real, todo o resto permanecendo constante, aumenta (diminui) a renda per capita do setor informal, se a proporção da renda dos trabalhadores ligados à produção gasta com a aquisição de bens e serviços gerados no setor informal (α), for maior (menor) que a proporção das outras rendas do setor capitalista gasta na compra destes mesmos bens e serviços (η).

Devemos agora considerar como a renda per-capita dos trabalhadores do setor informal é afetada por mudanças do salário mínimo real e da relação entre o número de operários no segmento capitalista e o nível de emprego no segmento informal (t_c/t_i). Tomando a equação (3) em termos de taxa de variação e fazendo algumas manipulações algébricas*, obtemos:

$$\hat{R}_i = \frac{\alpha - \eta}{\alpha + \eta m} \varepsilon_{w, w^*} \hat{w}^* + (\hat{t}_c - \hat{t}_i) \quad (5)$$

onde

$\hat{\quad}$ sobre uma variável indica sua taxa de variação em relação ao tempo (h);

ε_{w, w^*} = elasticidade do salário real dos trabalhadores ligados à produção em relação ao salário mínimo real

$$= \frac{\partial f}{\partial w^*} \cdot \frac{w^*}{w}$$

Portanto, se $\alpha > \eta$ e $\varepsilon_{w, w^*} > 0$, aumentos (diminuições) do salário mínimo real aumentam (reduzem) a renda per-capita dos trabalhadores do setor informal. Por outro lado, se a taxa de variação do emprego no setor formal é maior (menor) que a taxa de variação do emprego no setor informal, as remunerações per-capita deste último setor aumentam (caem).

* Derivando a equação (3) em relação ao tempo (h), temos

$$\frac{dR_i}{dh} = (\alpha - \eta) \frac{w}{1 - \gamma} \frac{t_c}{t_i} \frac{\alpha f}{\alpha w^*} \frac{w^*}{w} \hat{w}^* + (\alpha + \eta m) \frac{w}{1 - \gamma} \frac{t_c}{t_i} (\hat{t}_c - \hat{t}_i)$$

dividindo por R_i e notando que $\varepsilon_{w, w^*} = \frac{\partial f}{\partial w^*} \cdot \frac{w^*}{w}$ obtemos a equação (5).

A equação (5) nos leva ao último ponto que devemos analisar para entendermos o processo de formação das rendas do setor informal, qual seja, a variação da razão t_c/t_i e sua relação com as variações do salário real dos operários. Dois aspectos precisam ser considerados. Primeiro, o efeito de mudanças dos salários reais dos operários sobre o nível de emprego formal. Para isto, estimamos funções de demanda por mão de obra, e elasticidade emprego-custo real da mão de obra para este grupo de trabalhadores utilizando novamente como referência o setor industrial. O segundo aspecto importante é o comportamento da própria razão t_c/t_i . Esta é influenciada por fatores de demanda (variações do salário real, se a elasticidade emprego-custo real da mão de obra por diferente de zero, por variações na taxa de crescimento do produto ou mesmo pela estrutura do crescimento) e por fatores do lado da oferta (taxa de crescimento da força de trabalho, taxa de participação, migrações rural-urbana, etc.). Em outras palavras, a pergunta que devemos responder é se o próprio crescimento do produto no setor capitalista da economia não seria suficiente para aumentar a razão t_c/t_i , aumentando as remunerações per-capita no segmento informal e reduzindo os níveis de concentração da renda e pobreza.

Para estimarmos a função de demanda por mão de obra, utilizamos como variável dependente o logaritmo do nível de emprego de operários na indústria, $(\ln L)$, e como variáveis independentes os logaritmos do custo real da mão de obra $(\ln w/p)$ e do produto industrial $(\ln X)$ e uma variável de tendência que capta o efeito de inovações tecnológicas no período.* Os resultados são apresentados

* Esta equação pode ser interpretada como sendo o resultado do processo de maximização de lucros das empresas com função de produção CES, e inovações tecnológicas poupadoras de trabalho.

abaixo, correspondendo ao período 1966-1985.

| | Constante | lnw/p** | lnX | t | R ² | F | SSR | DW |
|-----|-------------------|------------------|-------------------|---------------------|----------------|---------|-------|-------|
| lnL | 1.048 (3,566)* | 0.17 (1,580)* | 0.632 (8,514)* | -0.029 (-8,738)* | 0.98 | 220,299 | 0,013 | 1.342 |

* Significativos a 1% de grau de confiança

** Deflacionado pelo IPA.OG-produtos industriais

O importante a ser observado nos resultados acima é que a variação do emprego dos trabalhadores ligados a produção na indústria depende da taxa de variação do produto industrial e da produtividade. A elasticidade emprego-produto estimada é 0,632, enquanto o coeficiente de tendência é 0,029. Ou seja, para que o nível de emprego dos operários no setor industrial cresça a longo prazo, a taxa de crescimento do produto deste setor deve estar acima de 4,5% ao ano.

Em segundo lugar, a elasticidade emprego-custo real da mão de obra, se significativa, tem sinal positivo porém com magnitude relativamente pequena. Portanto, pelo menos com base nas evidências do setor industrial, um aumento do salário real dos trabalhadores ligados à produção, não reduz a taxa de crescimento do emprego (podendo aumentá-la)*.

* A nosso ver, a utilização do setor industrial como "proxy" para o comportamento do emprego no segmento formal da economia como um todo é bem menos recomendável do que no caso dos salários. É possível que os outros setores (comércio e serviços) tenham elasticidades emprego-custo real da mão de obra negativos. Entretanto, a ausência de informações para estes setores não nos permite testar esta hipótese.

Uma avaliação, ainda que aproximada, do segundo aspecto mencionado acima, pode ser feita através da análise da evolução das participações relativas do emprego nos segmentos formal e informal na força de trabalho não-agrícola e da razão emprego formal/emprego informal. Estes números são apresentados na tabela abaixo, para de terminados anos do período 1969-1983.

PARTICIPAÇÕES RELATIVAS DO EMPREGO NOS
SEGMENTOS FORMAL E INFORMAL
FORÇA DE TRABALHO NÃO-AGRÍCOLA
1969 - 1983

| | t_i/t % | t_c^*/t % | t_c^*/t_i | t_c^*/t_i índice |
|--------|--------------|----------------|-------------|-----------------------|
| 1969 | 24,3 | 71,8 | 2,95 | 100,00 |
| 1972 | 24,2 | 70,6 | 2,92 | 98,74 |
| 1973 | 24,0 | 71,9 | 3,00 | 101,39 |
| 1976** | 20,0 | 77,2 | 3,86 | 130,64 |
| 1977 | 20,7 | 75,8 | 3,66 | 123,93 |
| 1978 | 22,8 | 73,8 | 3,24 | 109,55 |
| 1979 | 22,5 | 73,4 | 3,26 | 110,41 |
| 1981 | 22,5 | 70,8 | 3,15 | 106,50 |
| 1982 | 24,1 | 70,3 | 2,92 | 98,72 |
| 1983 | 24,2 | 68,7 | 2,84 | 96,08 |

Fonte: Brasil: Recomendações para a Formulação de Políticas de Emprego e Rendas - Projeto PNUD-OIT-BRA/82/026, Brasília, março 1985, pag.62.

t_i = emprego no segmento informal-inclue proprietários, trabalhadores por conta própria e membros de família não remunerados

t_c^* = emprego no segmento formal

** Obs: A série apresenta uma descontinuidade a partir deste ano. Até 1973 a idade limite para ser computado como membro da PEA era 14 anos. A partir de 1976 esta idade passou para 10 anos. Desta forma, a comparação somente é válida para informações dentro de cada sub-período 1969/1973 e 1976/1983.

Um comentário importante sobre os dados da tabela é que t_c^* inclui todos os assalariados do segmento formal da economia, e não apenas os ligados à produção, que é o que nos interessa realmente. Desta forma, se a razão t_c^*/t_i é constante ou decrescente, a razão original, t_c/t_i , somente será crescente se a redução relativa do emprego no segmento formal for concentrada nos empregos administrativos e gerenciais (o oposto ocorrendo caso esta razão aumente). Como este segmento do mercado de trabalho é relativamente mais estável, a evolução da razão t_c^*/t_i é uma boa "proxy" para o comportamento de t_c/t_i , pelo menos quando ela não está crescendo.

No período 1969-1973, que corresponde também aos anos do "milagre econômico brasileiro", durante os quais a taxa de crescimento do produto industrial esteve acima de 12% ao ano, a participação do emprego no segmento informal no total da força de trabalho não agrícola permaneceu basicamente constante, o mesmo ocorrendo com a razão entre o número de empregados no segmento formal e no informal. Para a segunda metade da década de setenta, o grau de "informalidade" tende a crescer até 1978, se estabilizada até 1981, voltando a crescer durante os anos de recessão no início dos anos oitenta. Por outro lado, a razão entre o número de trabalhadores do segmento formal e do informal cai sistematicamente até 1983.

Os dados descritos acima nos sugerem algumas conclusões importantes. Primeiro, que mesmo em períodos de taxas de crescimento do produto relativamente elevadas (porém não excepcionais), como entre 1976 e 1980 (cerca de 8% ao ano), a participação do

emprego no segmento informal tendeu a crescer. Para que esta participação se estabilize, as taxas de crescimento do produto deveriam estar acima dos 10% ao ano, como nos anos 1969-1973. Da mesma forma, a razão entre o nível de emprego no segmento formal e no informal caiu durante toda a segunda metade dos anos setenta. Em outras palavras, para que a razão t_c/t_i permaneça constante, será necessário que a economia cresça a taxas acima de 7% ao ano. Somente assim a taxa de criação de emprego no segmento capitalista da economia seria suficientemente grande para evitar um aumento do grau de "informalização".

A segunda conclusão é derivada dos resultados acima. Dado a grande dificuldade de se reduzir o tamanho do segmento não-organizado e de se aumentar a relação entre os empregados no segmento formal e aqueles empregados no segmento informal (t_c/t_i), aumentos significativos nas remunerações per-capita deste último segmento, e reduções dos níveis de pobreza aí vigentes, dificilmente poderão ser obtidos através de um aumento do grau de "formalização" do mercado de trabalho no futuro próximo dados os limites dados pelo balanço de pagamentos. Desta forma, a redução da pobreza e melhoria na distribuição da renda estará diretamente ligada à evolução dos salários reais dos trabalhadores ligados à produção. Esta conclusão nos obriga a fazer algumas considerações sobre o valor relativo de α e η , pois dele depende o aumento da renda per-capita dos trabalhadores no segmento informal, quando o salário real dos operários cresce.

Infelizmente, não existem estimativas disponíveis destes parâmetros para a economia brasileira. Podemos entretanto fazer algumas conjecturas sobre seu valor relativo. Em primeiro lugar, devemos notar que η é a porcentagem de todas as rendas geradas no segmento formal, exceto aquela parte que é apropriada pelos trabalhadores diretamente ligados à produção, que é gasta com a compra de bens e serviços do segmento informal. Estimativas recentes da FIBGE sugerem que estas rendas correspondem a 90% do valor do produto industrial em 1985.* Desta forma, devemos esperar que η seja extremamente baixo.

Em segundo lugar, devemos considerar que uma parte significativa do setor não-organizado está localizado nas periferias das grandes cidades (principalmente aquela parte que se refere a comercialização e distribuição de bens), onde também residem os operários, em sua grande maioria. Note-se à propósito que 31% do emprego urbano no setor comércio e 29% do mesmo na construção civil estavam localizadas no segmento informal do mercado de trabalho em 1983 (Tabela XIV). Dados os baixos níveis de salários reais dos operários, devemos esperar que α seja relativamente elevado.

Estas conjecturas nos sugerem que, pelo menos com a atual distribuição da renda no Brasil, η deve ser menor que α .

* Ver Anexo Estatístico- Tabela XXIII

V - Conclusões e Sugestões de Política Econômica

Neste trabalho fazemos uma análise do desempenho da economia brasileira desde 1964, levando em consideração duas óticas distintas, uma voltada para o setor externo e o crescimento do produto e outra voltada para erradicação da pobreza, melhoria dos níveis de salários reais e da distribuição da renda no Brasil.

Do ponto de vista do setor externo e do crescimento do produto, mostramos que a política de incentivos às exportações de produtos manufaturados e, a partir de 1974, a estratégia de aprofundamento do processo de substituição de importações em direção aos setores produtores de bens de capital e de insumos industriais, foram os elementos básicos do sucesso obtido.

No primeiro caso, uma política cambial realista e incentivos fiscais e creditícios às exportações destes produtos, foram os principais instrumentos de política utilizados. No segundo, a formulação e implementação de um plano de desenvolvimento de longo prazo, que contemplava a realização de um conjunto de investimentos pelas empresas estatais e incentivos ao direcionamento dos investimentos privados para os setores produtores de bens de capital e insumos industriais, combinado a uma forte proteção tarifária, foram a espinha dorsal da política econômica. Como resultado, a economia cresceu a taxas elevadas entre 1967 e 1980, ao mesmo tempo em que criou setores produtores de bens de capital e insumos industriais modernos e competitivos a nível internacional.

Como o processo substitutivo de importações foi em boa parte, financiado por recursos oriundos de empréstimos obtidos no sistema financeiro internacional privado, o crescimento da dívida externa daí decorrente acabou por transformar o pagamento dos juros externos no principal problema da economia brasileira no início dos anos oitenta. Porém, já em 1984 a maturação dos projetos de investimento e a manutenção do esforço exportador, possibilitou uma redução no coeficiente de importações da indústria e um aumento das exportações de manufaturados, permitindo ao país gerar um superávit comercial grande o suficiente para cumprir com os compromissos dos juros externos e voltar a crescer a taxas próximas aos 8% ao ano. Desta forma, o processo de substituição de importações executado na segunda metade da década de setenta, ao mesmo tempo que gerou o problema da "dívida externa excessiva" no início dos anos oitenta, gerou também as condições para a superação deste problema em meados dos anos oitenta. Com isto, o país conseguiu fazer o ajuste estrutural necessário para suplantar o estrangulamento externo gerado pelo primeiro choque do petróleo em 1974.

Se do ponto de vista do crescimento do produto e ajuste estrutural externo os resultados obtidos foram bastante significativos, no que se refere à erradicação da pobreza, distribuição dos frutos deste crescimento para a maior parte da população, aumento da participação dos salários dos operários no valor do produto gerado e distribuição da renda, os resultados foram decepcionantes. Mostramos no trabalho que não só os níveis de pobreza urbana permaneceram extremamente elevados, assim como ocorreu um

forte processo de concentração da renda urbana na economia brasileira. Para entender estes desenvolvimentos, estudamos o processo de formação dos salários e do nível de emprego no segmento formal do mercado de trabalho assim como a ligação entre estes salários e as remunerações obtidas pelos participantes do segmento informal deste mercado.

Mostramos que o segmento formal do mercado de trabalho no Brasil é dividido em dois segmentos, um composto pelas ocupações ligadas à produção (os operários) e outro pelas ocupações administrativas e gerenciais, ligadas direta ou indiretamente à direção das empresas. No primeiro segmento, os salários são formados com base na evolução do salário mínimo real e no poder de mobilização sindical, enquanto no segundo, a política salarial e de salário mínimo estipulam apenas um piso para os reajustes de salários, sendo que as remunerações efetivamente pagas dependem também da evolução dos lucros das empresas. Por outro lado, argumentamos que as remunerações obtidas no segmento informal são diretamente associadas aos salários reais dos operários do segmento formal do mercado de trabalho.

Dadas as considerações acima, períodos de queda do salário mínimo real e política salarial restritiva, combinado à representação política aos sindicatos operários e taxas de crescimento do produto elevadas (como no período 1967/1974) e/ou à retração do nível de atividade e crescimento do desemprego (como entre 1981/1984), foram também períodos de forte tendência à concentração da renda urbana. Por outro lado, o período 1975/1980, com crescimen-

to do produto mais moderado, maior participação do Estado e maior liberdade sindical e capacidade de mobilização dos operários, foi o único no qual ocorreu uma desconcentração da renda urbana. Neste contexto, concluímos que a obtenção de crescimento com distribuição está diretamente associado ao aumento dos salários reais dos operários e das remunerações dos participantes do segmento informal do mercado de trabalho e um aumento da participação destes trabalhadores na renda gerada na economia. Para tal, será necessário uma política que combine maior capacidade de mobilização sindical com crescimento do produto per capita, ou seja, aumente a atividade de investimento na economia.

V.1 - Uma Proposta de Política de Rendas

As propostas que se seguem estão baseadas nas conclusões sumariadas acima e têm um caráter eminentemente exploratório e não acabado. Seu objetivo é iniciar a discussão sobre alternativas de crescimento com melhor distribuição da renda. Neste sentido, elas devem ser vistas como os rudimentos de uma proposta de política de rendas para a economia brasileira. Com elas, pretende-se romper o antigo impasse segundo o qual políticas de redistribuição da renda reduzem a parcela dos lucros, e conseqüentemente, o nível de investimentos e crescimento da economia no futuro.

O primeiro aspecto importante a ser considerado é a total inadequação do arcabouço institucional que rege as relações entre capital e trabalho no país a uma economia capitalista industria

lizada, em uma sociedade democrática. Tendo sido criado em 1943, durante um regime político de conotação fortemente fascista, voltado para uma estrutura econômica agrário-exportadora, este arcabouço não sofreu qualquer mudança estrutural nos últimos 43 anos. Nestas quatro décadas, fortaleceram-se os sindicatos, principalmente os operários, tornando-se mais ativos e independentes em relação ao Estado. A partir de 1975, quando se inicia o período de democratização lenta e gradual esta inadequação começa a ficar patente. As cláusulas mais autoritárias da CLT passaram a não ser respeitadas pelos sindicatos mais ativos, que as consideravam ilegítimas. Inicialmente, o governo reagiu intervindo nos mesmos, prendendo e cassando os direitos políticos de suas lideranças. Porém, à medida que o processo de democratização se aprofundava, tornou-se cada vez mais difícil, e de efetividade política duvidosa, a utilização destes instrumentos legais. Na verdade, na medida em que a estrutura legal existente não é aceita pelos atores sociais envolvidos, utilizá-la para reprimir as lideranças sindicais acaba por transformá-las em heróis da classe trabalhadora e os governantes em seus algozes. Por outro lado, a negativa por parte do governo de utilizar o aparato repressivo disponível, exacerba os conflitos entre os grupos sociais, criando um vácuo legislativo potencialmente explosivo. Desta forma, a reformulação da CLT parece um objetivo inadiável, cujo intuito deveria ser dotar o país de um sistema de leis trabalhistas moderno, que seja aceito pelas partes envolvidas nos conflitos e disputas existentes, e que tenha a capacidade de dirimi-las, de forma pacífica, sem afetar a saúde econômico-social do país.

Neste contexto, é fundamental que a lei seja percebida como legítima. Tal legitimidade, em uma sociedade democrática, é obtida pela participação dos diferentes atores sociais no processo de formulação da lei, o que se dá tradicionalmente através do Congresso. Porém, dado o papel subserviente desta instituição durante os 21 anos de regime autoritário, as desconfianças da população em geral, e dos trabalhadores em particular, quanto à capacidade desta instituição de legislar independentemente coloca dúvidas sobre sua atuação. Dado isto, dever-se-ia na formação de uma comissão, composta de representantes do Governo, dos trabalhadores, dos empresários e do Poder Judiciário, escolhidos de forma a manter a representatividade de cada grupo, cujo objetivo seria preparar um ante-projeto de legislação trabalhista a ser apresentado ao Poder Legislativo. Algumas sugestões quanto à direção desta reformulação são apresentadas a seguir.

Em primeiro lugar, o problema da dependência dos Sindicatos em relação ao Estado. Como vimos, esta dependência está intimamente associada à compulsoriedade da contribuição sindical e à manutenção do monopólio da representação sindical. Estes dois institutos deveriam ser extintos, com a adoção da contribuição voluntária e o fim do monopólio da representação. O fim da contribuição compulsória poderia ser feito paulatinamente, para evitar que os sindicatos mais fracos tenham grandes problemas financeiros no curto prazo. Porém, com contribuição voluntária e sem o monopólio da representação, apenas os sindicatos mais ativos e voltados para os interesses de seus filiados conseguiriam sobreviver a longo prazo. A concorrência por filiados seria extremamente fér-

til para uma atuação sindical forte e representativa.

O segundo ponto importante refere-se à legitimidade da Lei de Greve, do aparato repressivo contido na CLT e a inexistência de mecanismos de negociação coletivas que induzam a acordos entre as partes. A adoção de um sistema de arbitragem independente, com árbitros aceitos de comum acordo entre as partes envolvidas nas disputas (possivelmente com a adoção do sistema de "Arbitragem Compulsória"*) é um caminho a ser seguido. As greves deveriam ser consideradas um direito garantido pela constituição aos trabalhadores, com total liberdade de mobilização.

A garantia de liberdade de greve deveria vir acompanhada de um "Código de Conduta", firmado entre governo e sindicatos, que estipularia as condições necessárias para a deflagração e condução de greves. Aos sindicatos caberia a função de fazer com que este Código fosse respeitado por seus filiados. Neste contexto, o problema da legalidade ou ilegalidade das greves não se colocaria, apenas sua legitimidade perante a sociedade e os próprios trabalhadores. A organização democrática dos sindicatos e sua independência em relação ao Estado, deveria ser suficiente para garantir que tal código fosse respeitado pelos seus membros. Uma

* Por este mecanismo, uma vez que cada parte tenha apresentado sua última proposta no processo de negociações, o árbitro tem, necessariamente, que escolher entre uma das duas propostas apresentadas, sendo-lhe vetada uma opção intermediária. Com isto, pretende-se que as partes caminhem em direção a uma proposta conciliadora, antes do impasse, evitando que se mantenham inárredáveis nas posições extremas.

estrutura com estas características, faria com que o problema sin
dical deixasse de ser tratado como um "problema de polícia" e ten
deria a criar uma estrutura sindical ativa e responsável e rela-
ções entre capital e trabalho mais pacíficas e produtivas.

O segundo aspecto importante é o desenho de uma política
salarial que induza ao aumento da participação dos salários dos
operários no valor da produção e, ao mesmo tempo, evite a queda
dos níveis de investimento e de crescimento do produto e emprego.
Neste contexto, a política do salário mínimo deveria cumprir um
papel de extrema importância. Sendo um dos principais parâmetros
no processo de formação dos salários dos operários no setor for-
mal do mercado de trabalho e das remunerações do setor informal,
o salário mínimo deveria ser convertido em um instrumento de polí
tica de longo prazo. O objetivo específico desta política seria
aumentar a participação dos operários no valor do produto gerado
na economia. O governo definiria o aumento do salário mínimo real
que se pretende e o prazo no qual tal objetivo deveria ser atingi-
do. O nível do salário mínimo seria reajustado segundo uma escala
móvel, mais um adicional, cujo valor seria calculado a partir do
objetivo de longo prazo estipulado acima. Os outros salários seri
am determinados por negociações coletivas livres, com periodicida
de anual, entre patrões e empregados. O aumento do salário mínimo real
tenderia a aumentar o salário real dos operários. O problema é como evitar que
o aumento do salário mínimo real e do salário real dos operários reduza o nível
de investimentos e a criação de empregos na economia.

Para evitar que tal ocorra, propõe-se que parte do
ganho real de salário obtido pelo trabalhador através do pro
cesso de negociações coletivas seja convertido em ações

reempregado, o restante do dinheiro depositado no fundo seria utilizado para comprar ações da empresa empregadora. Desta forma, empregar um novo trabalhador significa também conseguir recursos adicionais para investir na empresa, enquanto desempregar significa um custo adicional em termos de desembolso efetivo de recursos.

Em caso de aposentadoria, o trabalhador poderia escolher entre continuar acionista e receber dividendos da empresa, ou vender suas ações à mesma. Em caso de falência, os trabalhadores deveriam ser considerados acionistas prioritários em relação ao capital da empresa.

Um esquema com estas características, tem algumas vantagens importantes. Em primeiro lugar, estimula o crescimento da produtividade, na medida em que maiores lucros significam maiores dividendos e maior renda para os trabalhadores. Segundo, setores que estão crescendo mais rapidamente teriam mais recursos para investir, pois estariam aumentando seu nível de emprego e recebendo recursos adicionais dos novos empregados. Terceiro, incentiva a atividade de investir por parte dos empresários, evitando que uma parte significativa dos lucros sejam consumidos através do aumento do salário real dos administradores e gerentes. Empresas que não investirem acabam sendo controladas pelos seus trabalhadores. Desta forma, estimula a criação de empregos, ao mesmo tempo que reduz a rotatividade da mão-de-obra, devido ao custo adicional de dispensa que significaria a recompra de suas ações. Neste sentido, deve-se discutir a possibilidade de participação, ainda que minoritária, de representantes dos trabalha-

dores na direção das empresas, a partir de um certo nível de participação dos trabalhadores no capital das mesmas. Finalmente, cria um sistema paralelo de seguro desemprego e de previdência, financiado pelos ganhos reais de salários dos próprios trabalhadores.

Um problema importante a ser resolvido, é quem deveria gerenciar os recursos dos trabalhadores que foram desempregados, até que consigam novo emprego. Para manter a descentralização administrativa do esquema proposto (sem dúvida uma de suas principais qualidades), este gerenciamento poderia ser feito pelo próprio sindicato ao qual o trabalhador é filiado. Como este fundo existe apenas durante o período de desemprego, se o tempo médio de desemprego de cada trabalhador for pequeno, este fundo não deveria ser muito grande.

Um problema adicional deve ser considerado, qual seja, como tratar os novos entrantes na força de trabalho. Como os trabalhadores antigos têm capital para investir na empresa, e os novos não, pode surgir um viés contra a contratação de novos trabalhadores. Neste caso, poder-se-ia criar um fundo, a partir de um percentual cobrado sobre os recursos gerados pelo próprio esquema, cujo objetivo seria dotar de capital os novos entrantes na forma de trabalho. Este capital poderia ser utilizado para comprar ações das empresas contratadoras ou para financiar treinamento para este grupo de trabalhadores e aumentar seu capital humano. Também estes recursos poderiam ser administrados pelo sindicato ao qual o trabalhador está filiado. Neste sentido, a presente geração estaria reservando uma parte de seu capital para financiar a geração futura.

Sem dúvida, muitos outros problemas persistem e precisariam ser resolvidos para viabilizar um programa deste tipo (um problema importante e de solução difícil é a possível tendência à concentração de salários entre setores. Os setores mais modernos e dinâmicos pagariam salários cada vez maiores em relação aos mais tradicionais. Se a mobilidade inter-setorial da mão-de-obra for muito pequena, isto tenderia a aumentar a disparidade de salários entre eles. Outro problema é como tratar os salários dos trabalhadores das empresas ou setores que não têm como objetivo primordial a obtenção de lucros, como a administração pública, Fundações, Universidades, etc). Porém, dado a necessidade de crescimento com melhor distribuição da renda, a presente proposta aponta na direção de um aumento dos salários reais dos operários e das remunerações dos participantes do segmento informal do mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que incentiva o nível de investimentos privados. Uma condição fundamental no atual estágio de desenvolvimento da economia brasileira.

Bibliografia

- Bacha, E.-1973-"Hierarquia e Remuneração Gerencial", em Ricardo Tolipan e A.C.Tinelli (orgs.)- A Controvérsia sobre Distribuição de Renda e Desenvolvimento -Zahar ed.-Rio de Janeiro.
- Camargo,J.M.-1980- "A Nova Política Salarial, Distribuição de Renda e Inflação" Pesquisa e Planejamento Econômico-Dezembro.
- _____ -1984- "Minimum Wage in Brazil: Theory, Policy and Empirical Evidence" - Texto para Discussão nº 67- Departamento de Economia, PUC/RJ- Maio.
- _____ -1984- "Income Distribution in Brazil-1960-1980"- Department of International Economic and Social affairs of the United Nations Secretariat - New York- June- (mimeo).
- _____ -1985- "NRB Products Boom and Industrial Growth in Brazil" - Texto para Discussão nº 101- Departamento de Economia- PUC/RJ- Março.
- _____ e E.Landau-1985-"Política de Salário Mínimo e Distribuição de Renda no Brasil"- Anais do XIII Congresso da ANPEC - Vitória- Dezembro.
- Campanhole, A.-1978- Consolidação das Leis do Trabalho e Legislação Complementar - Ed. Atlas.
- Castro,A.B.-1985-"Ajustamento x Transformação: a Economia Brasileira de 1979 a 1984" em A.B.de Castro e F.E. Pires de Souza- A Economia Brasileira em Marcha Forçada - Ed.Paz e Terra- Rio de Janeiro.
- Córdoba,E.-1985-"A Organização Sindical Brasileira e a Convenção 87 da OIT - Ministério do Trabalho-IBRART-São Paulo.

Córdoba,E.- 1985- As Relações Coletivas de Trabalho na América Latina - Editora LTr- São Paulo.

Correa do Lago,L.A;Fernando L.de Almeida e Beatriz M.F. de Lima- 1979 -"O Sistema de Relações Trabalhistas no Brasil e suas Implicações Econômicas e Sociais, 1940-1979- IBRE/FGV-Rio de Janeiro.

Infante,R.-1985-"Características Estruturais dos Mercados de Trabalho Urbanos"- Anais do XXIII Encontro da ANPEC-Vitória.

Jatobá,J.-1986-Urban Poverty, Labor Markets and Regional Development: The Case of Brazil- ILO/Employment Planning and Population Branch- Spring.

Landau,E.e J.M.Camarco-1985-"Emprego, Salários e Distribuição de Renda"- em Perspectivas de Longo Prazo da Economia Brasileira - IPEA/INPES-Rio de Janeiro.

Langoni,C.G.-1977-"Distribuição de Rendas e Desenvolvimento Econômico no Brasil - Ed.Expressão e Cultura-Rio de Janeiro.

Macedo R.e Manuel E.Garcia-1978-"Observações sobre a Política Brasileira de Salário Mínimo"-Trabalho para discussão nº 27-IPE/FEA/USP-Junho.

-1980- "Salário Mínimo e Taxa de Salários no Brasil-Comentário" - Pesquisa e Planejamento Econômico-Dezembro.

Prebish,R.-1961-"El Desarrollo Económico de La America Latina y Algunos de sus Principales Problems" - Boletim Econômico para a América Latina- CEPAL.

Projeto PNUD-OIT-BRA/82/026, 1985-Brasil:Recomendações para a Formulação de Políticas de Emprego e Rendas, Brasília,março.

Rodriguez, J.A.-1968-Sindicalismo e Desenvolvimento no Brasil -
Difusão Européia do Livro - São Paulo.

Saboia, J.-1983-"A Razão Essencial e sua Utilização como Deflator
do Salário Mínimo" - Texto para Discussão nº 23-IEI-UFRJ-Maio.

Souza, P.R. e Paulo E. Baltar-1979-"Salário Mínimo e Taxa de Salá-
rios no Brasil" - Pesquisa e Planejamento Econômico-Dezembro.

_____ 1980 - "Salário Mínimo e Taxa de Salários no Brasil"-
Pesquisa e Planejamento Econômico - Dezembro.

_____ e V.E.Tokman-1978-"El Sector Informal Urbano"- em
Sector Informal: Funcionamento e Políticas-PREALC-Santiago,
Chile.

_____ 1976 - "El Sector Informal Urbano en América Latina"
em Revista Internacional del Trabajo- Novembro/Dezembro.

Anexo Estatístico

Tabela I
 Balanço de Pagamentos
 1964-1984
 Brasil

| milhões US\$ | | | | | | |
|--------------|-------------|-------------|-----------------|----------------|------------------|----------------------|
| Anos | Exportações | Importações | Conta Comercial | Conta Corrente | Conta de Capital | Deficit ou Superavit |
| 1964 | 1.430 | 1.263 | 167 | 102 | 92 | 68 |
| 1965 | 1.595 | 1.096 | 499 | 263 | 67 | 362 |
| 1966 | 1.741 | 1.496 | 245 | - 73 | 128 | 73 |
| 1967 | 1.654 | 1.667 | - 13 | - 277 | 66 | - 245 |
| 1968 | 1.881 | 2.132 | - 251 | - 503 | 498 | 32 |
| 1969 | 2.311 | 2.265 | 46 | - 108 | 244 | 137 |
| 1970 | 2.739 | 2.849 | - 110 | - 1 | 192 | 191 |
| 1971 | 2.904 | 3.701 | - 797 | -1.307 | 1.846 | 530 |
| 1972 | 3.991 | 4.783 | - 792 | -1.489 | 3.492 | 2.439 |
| 1973 | 6.199 | 6.999 | - 800 | -1.688 | 3.512 | 2.179 |
| 1974 | 7.951 | 14.168 | -6.217 | -7.122 | 6.254 | - 936 |
| 1975 | 8.670 | 13.592 | -4.922 | -6.700 | 6.188 | - 950 |
| 1976 | 10.128 | 13.726 | -3.598 | -5.976 | 6.651 | -1.192 |
| 1977 | 12.120 | 13.257 | -1.137 | -4.037 | 5.269 | 630 |
| 1978 | 12.659 | 15.054 | -2.395 | -6.990 | 9.434 | 3.880 |
| 1979 | 15.244 | 19.804 | -4.560 | -10.742 | 7.657 | -3.215 |
| 1980 | 20.132 | 24.961 | -4.829 | -12.807 | 9.679 | -3.472 |
| 1981 | 23.293 | 22.091 | 1.202 | -11.734 | 12.773 | 625 |
| 1982 | 20.175 | 19.397 | 778 | -16.279 | 7.867 | -8.956 |
| 1983 | 21.899 | 15.429 | 6.470 | - 6.837 | 1.538 | -5.969 |
| 1984 | 27.005 | 13.937 | 13.068 | 166 | -1.822 | -1.441 |

Fonte: Boletim do Banco Central do Brasil- vários números

Tabela II
 Dívida Externa e Reservas
 1967-1984
 Brasil

| milhões US\$ | | | |
|--------------|--------------|----------|----------------|
| Anos | Dívida Bruta | Reservas | Dívida Líquida |
| 1967 | 3.372 | 199 | 3.173 |
| 1968 | 3.780 | 257 | 3.523 |
| 1969 | 4.403 | 656 | 3.747 |
| 1970 | 5.290 | 1.187 | 4.108 |
| 1971 | 6.622 | 1.723 | 4.899 |
| 1972 | 9.521 | 4.183 | 5.338 |
| 1973 | 12.572 | 6.415 | 6.157 |
| 1974 | 17.166 | 5.269 | 11.897 |
| 1975 | 21.171 | 4.040 | 17.131 |
| 1976 | 25.985 | 6.644 | 19.341 |
| 1977 | 32.037 | 7.256 | 24.781 |
| 1978 | 43.511 | 11.895 | 31.616 |
| 1979 | 49.904 | 9.689 | 40.215 |
| 1980 | 53.847 | 6.913 | 46.934 |
| 1981 | 61.411 | 7.507 | 53.904 |
| 1982 | 70.198 | 3.994 | 66.204 |
| 1983 | 81.319 | 4.563 | 76.756 |
| 1984 | 91.091 | 11.995 | 79.096 |

Fonte: Relatório do Banco Central do Brasil- vários números

Tabela III
Total de Pagamentos de Juros Externos
1968-1980
Brasil

| Anos | Juros totais (milhões US\$) | Juros totais / (%) Exportações |
|------|--------------------------------|-----------------------------------|
| 1968 | 144 | 7,7 |
| 1969 | 182 | 7,9 |
| 1970 | 234 | 8,5 |
| 1971 | 302 | 10,9 |
| 1972 | 359 | 9,0 |
| 1973 | 514 | 8,3 |
| 1974 | 652 | 8,2 |
| 1975 | 1.498 | 17,3 |
| 1976 | 1.810 | 17,9 |
| 1977 | 2.103 | 17,4 |
| 1978 | 2.696 | 21,3 |
| 1979 | 4.186 | 27,5 |
| 1980 | 6.310 | 31,3 |

Fonte: Relatório do Banco Central do Brasil-1980 - pág.121

Tabela IV
 Exportações por Categorias de Bens
 1964-198
 Brasil

| Anos | milhões US\$ | |
|------|---------------------------|--------------------|
| | Produtos Industrializados | Produtos Primários |
| 1964 | 205 | 1.221 |
| 1965 | 284 | 1.310 |
| 1966 | 293 | 1.444 |
| 1967 | 339 | 1.306 |
| 1968 | 376 | 1.496 |
| 1969 | 488 | 1.803 |
| 1970 | 657 | 2.057 |
| 1971 | 820 | 1.991 |
| 1972 | 1.298 | 2.649 |
| 1973 | 2.008 | 4.030 |
| 1974 | 3.180 | 4.577 |
| 1975 | 3.434 | 5.027 |
| 1976 | 3.618 | 6.129 |
| 1977 | 4.884 | 6.959 |
| 1978 | 6.504 | 5.978 |
| 1979 | 8.532 | 6.553 |
| 1980 | 11.376 | 8.488 |
| 1981 | 14.000 | 8.920 |
| 1982 | 11.686 | 8.235 |
| 1983 | 13.075 | 8.517 |
| 1984 | 17.978 | 8.195 |

Fonte: Boletim do Banco Central do Brasil - vários números

Tabela V
 Importações por Categorias de Bens
 1964-1984
 Brasil

| Anos | milhões US\$ | | | |
|------|-----------------|-----------------|-----------------|----------|
| | Bens de Capital | Matérias Primas | Bens de Consumo | Petróleo |
| 1964 | 289 | 188 | 427 | 180 |
| 1965 | 229 | 203 | 348 | 157 |
| 1966 | 348 | 256 | 500 | 172 |
| 1967 | 508 | 426 | 170 | 155 |
| 1968 | n.d | n.d | n.d | n.d |
| 1969 | n.d | n.d | n.d | n.d |
| 1970 | n.d | n.d | n.d | n.d |
| 1971 | n.d | n.d | n.d | n.d |
| 1972 | n.d | n.d | n.d | n.d |
| 1973 | 2.422 | 2.947 | 812 | 819 |
| 1974 | 3.514 | 6.404 | 1.077 | 3.174 |
| 1975 | 4.392 | 4.840 | 925 | 3.440 |
| 1976 | 3.939 | 4.626 | 878 | 4.283 |
| 1977 | 3.420 | 4.309 | 1.034 | 4.949 |
| 1978 | 3.884 | 4.983 | 1.234 | 4.953 |
| 1979 | 4.139 | 6.516 | 1.723 | 7.427 |
| 1980 | 4.768 | 9.910 | 1.423 | 11.083 |
| 1981 | 4.023 | 5.739 | 989 | 11.340 |
| 1982 | 3.272 | 4.664 | 1.002 | 10.459 |
| 1983 | 2.505 | 3.521 | 796 | 8.607 |
| 1984 | 1.960 | 3.326 | 628 | 6.720 |

Fonte: Relatório do Banco Central do Brasil - vários números
 n.d - não disponível.

Tabela VI
 Formação Bruta de Capital Fixo
 Governo e Empresas com Participação do Governo Federal
 1970-1983

| Ano | % FBCF Governo | % FBCF Empresas Federais | % Total FBCF |
|------|-------------------|-----------------------------|--------------------|
| 1970 | 18,4 | 11,8 | 30,2 |
| 1971 | 17,2 | 9,0 | 26,2 |
| 1972 | 15,5 | 14,6 | 30,1 |
| 1973 | 15,2 | 8,5 | 23,8 |
| 1974 | 14,5 | 14,9 | 29,4 |
| 1975 | 13,8 | 15,7 | 29,5 |
| 1976 | 15,2 | 24,6 | 39,8 |
| 1977 | 13,1 | 24,7 | 37,8 |
| 1978 | 12,4 | 31,6 | 44,0 |
| 1979 | 10,5 | 55,0 | 65,5 |
| 1980 | 10,0 | 27,8 | 37,8 |
| 1981 | 11,7 | 43,8 | 55,5 |
| 1982 | 11,0 | 35,4 | 46,4 |
| 1983 | 10,5 | 72,0 | 83,4 |

Fonte: Centro de Estudos Fiscais, IBRE/DCS, FGV

* Inclui Governo Federal, Estados e Municípios - Administração Central e Descentralizada.

Tabela VII
 Formação Bruta de Capital Fixo das
 Empresas do Governo Federal
 por setores
 1970-1980

| Anos | % | | | | | |
|------|---------|-------------------------------|---------|-------------|--------------|--------|
| | Setores | Indústria de Transformação | Energia | Transportes | Comunicações | Outros |
| 1970 | | 23,5 | 23,7 | 31,6 | 16,9 | 4,3 |
| 1971 | | 32,4 | 34,6 | 11,3 | 6,7 | 15,0 |
| 1972 | | 51,5 | 21,9 | 6,7 | 5,3 | 14,6 |
| 1973 | | 43,5 | 28,8 | 5,1 | 7,4 | 15,2 |
| 1974 | | 35,7 | 15,2 | 15,4 | 21,7 | 12,0 |
| 1975 | | 44,3 | 18,6 | 17,0 | 7,4 | 12,7 |
| 1976 | | 31,6 | 15,3 | 16,6 | 32,4 | 4,1 |
| 1977 | | 27,2 | 30,4 | 11,0 | 15,2 | 16,2 |
| 1978 | | 26,3 | 14,5 | 33,0 | 16,0 | 10,2 |
| 1979 | | 25,2 | 17,5 | 41,6 | 11,5 | 4,2 |
| 1980 | | 30,9 | 19,2 | 23,0 | 18,4 | 8,5 |

Fonte: Centro de Estudos Fiscais - IBRE/DCS/FGV

Tabela VIII
Distribuição da Renda no Brasil
1960-1980

| Decis | Porcentagem da Renda | | | Renda média por mês- Cr\$ 1970 | | |
|-------|----------------------|-------|-------|--------------------------------|-------|-------|
| | 1960 | 1970 | 1980 | 1960 | 1970 | 1980 |
| 10 | 1,17 | 1,11 | 1,08 | 25 | 32 | 47 |
| 10 | 2,32 | 2,05 | 2,15 | 48 | 58 | 94 |
| 10 | 3,42 | 2,97 | 2,85 | 71 | 84 | 125 |
| 10 | 4,65 | 3,88 | 3,70 | 96 | 110 | 162 |
| 10 | 6,15 | 4,90 | 4,39 | 127 | 139 | 193 |
| 10 | 7,66 | 5,91 | 5,49 | 158 | 168 | 241 |
| 10 | 9,41 | 7,37 | 7,21 | 195 | 210 | 316 |
| 10 | 10,85 | 9,57 | 9,92 | 225 | 272 | 434 |
| 10 | 14,69 | 14,45 | 15,40 | 305 | 411 | 674 |
| 10 | 39,66 | 47,79 | 47,81 | 815 | 1.360 | 2.095 |
| Gini | 0,499 | 0,562 | 0,581 | 206 | 282 | 438 |

Fonte: 1960, 1970 - C.G.Langoni Distribuição da Renda e Desenvolvimento Econô-
mico do Brasil - Editora Expressão e Cultura- Rio de Janeiro
1973 - pag. 64

1980 - Censo Demográfico de 1980 - FIBGE - Rio de Janeiro, 1981

Tabela IX
 Coeficiente de Gini
 Áreas Urbanas e Rurais
 1960,1970,1976,1980

| Anos | Coeficiente de Gini | | |
|------|---------------------|-------------|--------|
| | Área Rural | Área Urbana | Brasil |
| 1960 | 0,43 | 0,48 | 0,50 |
| 1970 | 0,41 | 0,53 | 0,56 |
| 1976 | 0,50 | 0,60 | 0,59 |
| 1980 | 0,54 | 0,56 | 0,58 |

Fontes: 1960 C.G. Langoni- op.cit., pág.72
 1970,1976 - Indicadores Sociais,1979-FIBGE-Rio de Janeiro, pág. 294,205
 1980 - Censo Demográfico de 1980- FIBGE- 1981

Tabela X
Coeficiente de Gini
Brasil
1972-1983

| Anos | Coeficiente de Gini |
|------|---------------------|
| 1972 | 0,622 |
| 1976 | 0,589 |
| 1977 | 0,594 |
| 1978 | 0,596 |
| 1979 | 0,582 |
| 1981 | 0,580 |
| 1983 | 0,598 |

Fonte: PNAD - FIBGE - respectivos anos

Tabela XI
 Participações Relativas na Renda, dos
 50% mais Pobres e dos 10% mais Ricos
 da Distribuição
 Brasil
 1960-1983

| Anos | (%) | |
|------|------|-------|
| | -50% | - 10% |
| 1960 | 17,7 | 39,7 |
| 1970 | 14,9 | 46,7 |
| 1972 | 11,3 | 52,6 |
| 1976 | 9,1 | 50,4 |
| 1979 | 13,1 | 48,2 |
| 1980 | 14,2 | 47,8 |
| 1981 | 13,0 | 46,7 |
| 1983 | 12,2 | 47,9 |

Fontes: 1960, 1970, 1980 - Censos Demográficos-FIBGE
 respectivos anos
 1972,1976,1979,1981,1983-PNAD-FIBGE-respectivos
 anos

Tabela XII
 Razão entre as Rendas Médias
 dos 10% mais Ricos e 50% mais Pobres
 da Distribuição de Rendimentos
 Brasil
 1960-1983

| Anos | Renda Média dos 10% mais Ricos | Renda Média dos 5% mais Ricos |
|------|---------------------------------|---------------------------------|
| | Renda Média dos 50% mais Pobres | Renda Média dos 50% mais Pobres |
| 1960 | 11,1 | 15,5 |
| 1970 | 15,7 | 23,0 |
| 1972 | 23,3 | 35,2 |
| 1976 | 18,8 | 34,5 |
| 1979 | 18,4 | 26,5 |
| 1980 | 16,9 | n.d. |
| 1981 | 18,0 | 25,7 |
| 1983 | 19,6 | 27,8 |

Fonte: Idem Tabela XI
 n.d - não disponível

Tabela XIII

Empregos Urbanos com Remuneração Mensal
igual ou menor que um Salário Mínimo
1981-1983

| Anos | Total de Empregados (mil) | % |
|------|------------------------------|------|
| 1981 | 7.507 | 25,9 |
| 1983 | 9.371 | 30,2 |

Fonte: J. Jatoba - op.cit. - pag. 62

Tabela XIV

Empregos Urbanos, por Setor de Atividade Econômica,
com Remuneração Igual ou Menor que um
Salário Mínimo por Mês
1983

| Setores | % |
|------------|------|
| Indústria | 18,9 |
| Construção | 28,8 |
| Comércio | 30,7 |
| Serviços | 34,7 |

Fonte: J. Jatobá - op.cit., pag.65

Tabela XV
 Segmentação no Mercado de Trabalho Urbano
 Total e Por Setores
 1981-1983

| | % | |
|-------------------------|------|------|
| | 1981 | 1983 |
| Segmento organizado | 67,9 | 65,5 |
| indústria | n.d | 84,0 |
| construção | n.d | 54,0 |
| comércio | n.d | 64,3 |
| serviços | n.d | 60,5 |
| Segmento não-organizado | 32,1 | 34,5 |
| indústria | n.d | 16,0 |
| construção | n.d | 46,0 |
| comércio | n.d | 35,7 |
| serviços | n.d | 39,5 |

Fonte: J. Jatobá - op.cit. - pag.58

Obs: n.d. = não disponível

Tabela XVI

Taxas de Crescimento da Força de
Trabalho Urbano, do Emprego Urbano
e do Desemprego
1981-1983

| | (%) | |
|--------------------------|-----------|--|
| | 1981/1983 | |
| Força de Trabalho Urbana | 3,80 | |
| Emprego Urbano | 3,41 | |
| organizado | 1,60 | |
| não-organizado | 7,03 | |
| Desemprego | 10,15 | |

Fonte: J. Jatobá- op.cit. - pag.48

Tabela XVII
Empregos com remuneração mensal igual
ou menor que um Salário Mínimo
por segmento do Mercado de
Trabalho
1981-1983

| | (%) | |
|-------------------------|------|------|
| | 1981 | 1983 |
| Segmento organizado | 20,8 | 24,8 |
| Segmento não organizado | 79,2 | 75,2 |

Fonte: J. Jatobá- op.cit. pag. 62

Tabela XVIII
Empregos com Remuneração igual ou menor que
um Salário Mínimo por mês como Percentagem
do total do Emprego em cada segmento

| | (%) | |
|-------------------------|------|------|
| | 1981 | 1983 |
| Total do Emprego Urbano | 25,9 | 30,2 |
| organizado | 7,9 | 11,4 |
| não-organizado | 63,9 | 65,7 |

Fonte: J. Jatobá- op.cit. pag. 62

Tabela XIX
Salário Mínimo Real
1964-1985
Brasil

Cr\$ 1984

| Anos | Salário Mínimo Real* | Índice- 1964=100 |
|------|----------------------|------------------|
| 1964 | 134.736,28 | 100,00 |
| 1965 | 125.111,28 | 92,86 |
| 1966 | 117.814,74 | 87,44 |
| 1967 | 112.980,86 | 83,85 |
| 1968 | 112.347,17 | 83,38 |
| 1969 | 107.938,72 | 80,11 |
| 1970 | 105.953,58 | 78,64 |
| 1971 | 106.113,95 | 78,76 |
| 1972 | 108.824,53 | 80,77 |
| 1973 | 112.993,13 | 83,86 |
| 1974 | 106.629,42 | 79,14 |
| 1975 | 113.883,29 | 84,52 |
| 1976 | 112.152,93 | 83,24 |
| 1977 | 112.445,66 | 83,46 |
| 1978 | 114.923,33 | 85,30 |
| 1979 | 114.469,83 | 84,96 |
| 1980 | 117.387,94 | 87,12 |
| 1981 | 115.860,24 | 85,99 |
| 1982 | 116.383,46 | 86,38 |
| 1983 | 103.159,61 | 76,56 |
| 1984 | 95.388,00 | 70,80 |
| 1985 | 98.514,78 | 73,12 |

Fonte: Conjuntura Econômica - F.G.V. - vários números

* Deflacionado pelo ICV/RJ - F.G.V.

Tabela XX
 Indústria
 Produto Real, Emprego de Operários e
 produtividade
 Índices 1970=100
 1966-1985

| Anos | Produto Real* | Emprego de Operários | Produtividade |
|------|---------------|----------------------|---------------|
| 1966 | 69,2 | 82,5 | 83,88 |
| 1967 | 71,3 | 88,0 | 81,02 |
| 1968 | 80,8 | 93,6 | 86,33 |
| 1969 | 90,6 | 97,5 | 92,92 |
| 1970 | 100,0 | 100,0 | 100,00 |
| 1971 | 114,3 | 104,6 | 109,28 |
| 1972 | 138,6 | 109,9 | 117,92 |
| 1973 | 150,1 | 119,7 | 125,39 |
| 1974 | 164,9 | 129,3 | 123,53 |
| 1975 | 175,2 | 129,8 | 134,97 |
| 1976 | 193,9 | 135,9 | 142,67 |
| 1977 | 201,4 | 137,3 | 146,69 |
| 1978 | 217,8 | 140,3 | 155,23 |
| 1979 | 232,7 | 145,1 | 160,38 |
| 1980 | 251,3 | 149,4 | 168,21 |
| 1981 | 230,2 | 137,8 | 167,06 |
| 1982 | 231,6 | 129,4 | 178,99 |
| 1983 | 215,8 | 120,0 | 179,82 |
| 1984 | 228,6 | 117,5 | 194,55 |
| 1985 | 249,1 | 124,3 | 200,00 |

Fonte: Pesquisa Industrial - FIBGE- vários números

* Deflacionado pelo IPA-OG - produtos industriais-F.G.V.

Tabela XXI
 Custo Real da Mão de Obra (operários) e
 Participação deste Custo no Valor do
 Produto da Indústria
 Índices 1970=100
 1966-1985

| Anos | Custo Real da Mão de Obra (operários)* | Participação no Valor do Produto da Indústria** |
|------|---|--|
| 1966 | 85,14 | 101,5 |
| 1967 | 87,9 | 108,5 |
| 1968 | 88,5 | 102,5 |
| 1969 | 92,3 | 99,3 |
| 1970 | 100,0 | 100,0 |
| 1971 | 105,5 | 96,6 |
| 1972 | 114,5 | 97,1 |
| 1973 | 123,2 | 98,3 |
| 1974 | 124,3 | 97,5 |
| 1975 | 136,0 | 100,8 |
| 1976 | 146,9 | 103,0 |
| 1977 | 158,4 | 108,0 |
| 1978 | 176,3 | 113,6 |
| 1979 | 179,8 | 112,1 |
| 1980 | 169,5 | 100,8 |
| 1981 | 174,4 | 104,4 |
| 1982 | 186,0 | 103,9 |
| 1983 | 173,5 | 96,5 |
| 1984 | 152,8 | 78,5 |
| 1985 | 161,5 | 80,6 |

Fonte: Pesquisa Industrial - FIBGE- vários números

* Deflacionado pelo IPA-OG.- produtos industriais- FGV

** Calculado a partir da Tabela XX.

Tabela XXII

Razão entre as Remunerações Média Pagas aos
Empregados Administrativos e os Salários Médios
pagos aos Operários na Indústria
Brasil
1963-1985

| Anos | <u>Remuneração Média dos Empregados Administrativos</u> <u>Salários Médios dos Operários</u> |
|------|---|
| 1963 | 1,96 |
| 1964 | 1,94 |
| 1965 | 1,85 |
| 1966 | - |
| 1967 | 2,11 |
| 1968 | 2,22 |
| 1969 | 2,23 |
| 1970 | 2,11 |
| 1971 | - |
| 1972 | 2,43 |
| 1973 | 2,48 |
| 1974 | 2,38 |
| 1975 | 1,81 |
| 1976 | 2,14 |
| 1977 | 2,15 |
| 1978 | 2,10 |
| 1979 | 2,08 |
| 1980 | 2,05 |
| 1981 | 1,96 |
| 1982 | 1,91 |
| 1983 | 1,89 |
| 1984 | 2,10 |
| 1985 | 2,25 |

Fonte: Calculado a partir de dados primários fornecidos
pela FIBGE

Tabela XXIII

Participação do Custo da Mão de Obra (operários)
no valor da transformação
e no valor da Produção da
indústria
1980-1985

| | (%) | | | |
|----------------------------|-------------------|------------------|-------------------|------------------|
| | 1980 | | 1985 | |
| | <u>CMO</u> VTI | <u>CMO</u> VP | <u>CMO</u> VII | <u>CMO</u> VP |
| Indústria Geral | 23,95 | 9,88 | 19,40 | 8,00 |
| Indústria de transformação | 23,99 | 9,82 | 19,68 | 8,06 |
| Indústria Ext.Mineral | 22,40 | 14,34 | 8,44 | 5,40 |

Fonte: FIBGE -Dados primários.

79. Werneck, R.F. "Uma Análise do Financiamento e dos Investimentos das Empresas Estatais Federais no Brasil, 1980-83".
80. Bacha, E. e P. Malan, "Brazil's Debt: From the Miracle to the Fund".
81. Lara Resende, A. "A Moeda Indexada: Nem Mágica nem Panacéia".
82. Bacha, E. "O Fim da Inflação no Reino de Lisarb".
83. Abreu, M.P. "A Dívida Pública Externa do Brasil, 1824-1931".
84. Arida, P. "Economic Stabilization in Brazil".
85. Arida, P. e A. Lara Resende; "Inertial Inflation and Monetary Reform in Brazil".
86. Carneiro, D.D.; "O Conceito de Liquidez e o Comportamento de Alguns Indicadores para a Economia Brasileira".
87. Arida, P. "Macroeconomic Issues for Latin America".
88. Carneiro, D.D. "Growth Perspectives for Indebted Latin America: A Note on Major Issues".
89. Correa do Lago, L.A. "O Surgimento da Escravidão e a Transição para o Trabalho Livre no Brasil: Um Modelo Teórico Simples e uma Visão de Longo Prazo".
90. Lopes, F.L. e E. Modiano; "Determinantes Externos e Internos da Atividade Econômica no Brasil".
91. Werneck, R.L.F. "A Questão do Controle da Necessidade de Financiamento das Empresas Estatais e o Orçamento de Despesas Globais da SEST".
92. Fraga Neto, A. "German Reparations and the Brazilian Debt Crisis: A Comparative Study of International Lending and Adjustment".
93. Werneck, R.L.F. "Empresas Estatais, Controle de Preços e Contenção de Importações".
94. Modiano, E.M. "O Repasse Gradual: Da Inflação Passada aos Preços Futuros".
95. Fraga Neto, A. "Price Uncertainty and the Exchange-Rate Risk Premium".
96. Fraga Neto, A. "Indexation and Inflation in Brazil".
97. Bacha, E. "The Future Role of the International Monetary Fund in Latin America: Issues and Proposals".
98. Fraga Neto, A. e A. Lara-Resende; "Déficit, Dívida e Ajustamento: Uma Nota sobre o Caso Brasileiro".
99. Modiano, E.M. "A Inflação e a Moeda Indexada".
100. Bacha, E.L. e R.E. Feinberg; "The World Bank and Structural Adjustment in Latin America".
101. Camargo, J.M. "NRB Products Boom and Industrial Growth in Brazil: 1967-1980".

102. Bacha, E. "Banco Mundial: Um Memorando Brasileiro".
103. Camargo, J.M. "Política de Renda e Ajuste Macroeconômico".
104. Lopes, F.L. "Novo Austral na Argentina".
105. Abreu, M. de P. e W. Fritsch; "Brazil's Foreign Borrowing from Multilateral and Governmental Agencies: An Overview of Past Experience and the Present Challenge".
106. Modiano, E.M. "Repasses Mensais: Uma Alternativa de Política Salarial".
107. Abreu, M. de P. e W. Fritsch; "Latin American and Caribbean Countries in the World Trade System: Past Problems and Future Prospects".
108. Modiano, E.M. e F. Lopes; "Inflação: Análise do Impacto de Mudanças na Política Salarial".
109. Carneiro, D.D. "Long Run Adjustment, Debt Crisis and the Changing Role of Stabilization Policies in the Brazilian Recent Experience".
110. Bacha, E.L. "Preliminary Notes on the Economic Strategy of the New Brazilian Government".
111. Lopes, F.L. "A Medida da Inflação no Brasil".
112. Modiano, E.M. "O Choque Argentino e o Dilema Brasileiro".
113. Modiano, E.M. "A Escala Móvel e o Fio da Navalha".
114. Moraes, P.B., "Uma Nota sobre as Importações Brasileiras de Produtos Manufaturados".
115. Lopes, F.L., "O Problema do Descongelamento".
116. Amadeo, E.J., "Notes on Growth, Distribution and Capacity Utilization".
117. Modiano, E.M., "O Pacto Social: A Experiência de Israel".
118. Amadeo, E.J., "Changes in Output in Keynes's Treatise on Money".
119. Abreu, M. de P. e W. Fritsch; "Condicionantes Externos ao Crescimento Brasileiro: Cenários para a Segunda Metade dos Anos 80".
120. Amadeo, E.J., "Changes in Capacity Utilization in "Fully Adjusted Situations".
121. Werneck, R.L.F. "Poupança Estatal, Dívida Externa e Crise Financeira do Setor Público".
122. Amadeo, E.J. "A Preliminary Essay on Ideology and Economics".
123. Amadeo, E.J. "The Post-Wicksellian Approach to the Theory of Employment and Price Determination".
124. Camargo, J.M. "Margem Bruta de Lucros, Fragilidade Financeira e Nível de Atividade".
125. Carneiro, D.D. "Passivo do Governo e Déficit Público: A experiência da economia brasileira no período de 1970/84".

126. Amadeo, E.J. "On Money Wages: Keynesian and Monetarist Critiques of Keynes's Closure of the Labor Market"
127. Abreu, M.P. "Política Social no Brasil: A Relevância dos Paradigmas Históricos e Comparativos".
128. Moraes, Pedro B. e Luis Serven. "Dollarization and Credibility: An Analysis of the Mexican Experience".
129. Lopes, Francisco. "Inflation and External Debt Problems in Latin America".
130. Abreu, M.P. e Fritsch, W. "Exogenous Determinants of Trade and Debt Patterns in Latin America".
131. Bacha, E.L. "A Inércia e o Conflito: O Plano Cruzado e Seus Desafios"
132. Dutt, A.K. "Growth, Distribution and Technological Change"
133. Werneck, R.L.F. "Retomada do Crescimento e Esforço de Poupança: Limitações e Possibilidades".
134. Modiano, E.M. "Mitos e Fatos sobre o Setor Público Brasileiro"
135. Moraes, P.B. "The Brazilian Stabilization Program of 1964: Price Guidelines cum Credit Restrictions"